

Quando uma palavra, um modo de ação, uma prática são ensinados a alguém, explica-nos Vygotsky, o desenvolvimento dessa palavra, desse modo de ação, dessa prática apenas começou. É no movimento, mediado pelo “outro” que aprendemos e apreendemos o vivido, que nos elaboramos, que reafirmamos e transformamos o que somos, que nos desenvolvemos e singularizamo-nos... (FONTANA, 2000, p. 174).

4.7 Visualidades: práticas docentes como fonte de saberes

A construção da confiança
em nós mesmos como profissionais,
[...] a confiança no próprio trabalho,
está ligada ao aprender a analisar
junto com o outro o trabalho produzido,
para poder refletir sobre ele
e definir-lhe rumos e nuances.

Fontana (2000)

O grupo de professores de Arte do CEMEPE, conforme vimos assinalando, é um tipo de organização social que traduz o desenvolvimento de idéias e experiências individuais, (re)elaborando-as e (re)significando-as para, ao final de cada ano, apresentá-las como um produto coletivo. Aqui referimo-nos especificamente à Mostra *Visualidades*: processos e reflexões no Ensino de Arte, mencionada anteriormente no segundo capítulo deste estudo, e que já completou a sua terceira realização. Com o objetivo de dar visibilidade ao trabalho dos professores de Arte da Rede Municipal de Ensino, esta Mostra costuma apresentar à comunidade os projetos de ensino realizados em sala de aula, expondo o processo de trabalho do professor por meio da linguagem específica das Artes Visuais.

No seu primeiro evento, ocorrido de 22 de novembro a 2 de dezembro de 2004, a Mostra *Visualidades* aconteceu no Centro Administrativo da Prefeitura Municipal de Uberlândia, contando com a participação de 33 professores, e enfatizou os seus percursos tecidos ao longo daquele ano letivo e partilhados nas reuniões do grupo. Houve também um momento para comunicações acerca dos Projetos de Ensino desenvolvidos pelos professores, as quais aconteceram no auditório Cícero Diniz (VISUALIDADES, 2004). Naquele momento, as interações com os seus pares possibilitaram a cada integrante do grupo a leitura e a interpretação coletiva das práticas vivenciadas, proporcionando a reinterpretação pessoal do processo de trabalho, o que pôde ser constatado nos resultados expostos.

Tá todo mundo ali no grupo trocando experiências e o tanto que isso enriquece o trabalho da gente, o tanto de idéia que você tem pra trabalhar, para enriquecer o seu trabalho. Nossa! Eu tenho essa possibilidade, essa outra... eu posso ali acrescentar tal coisa e tudo o mais.

(**Hortênsia** – Reunião de 11/09/06)

Durante todo aquele ano (2004), o planejamento de cada professor foi sendo redimensionado no encontro com os outros, na troca de experiências, na vivência de exercícios plástico-visuais, na discussão dos trabalhos feitos em sala de aula, bem como na análise dos registros, tudo isso associado às leituras e discussões teóricas próprias da sua formação continuada. Desse modo, os professores do grupo de Arte do CEMEPE puderam (re)conhecer e (re)apropriar-se de saberes diversos, trabalhando-os de um ponto de vista teórico e conceitual para melhor apurar suas opções e refazê-las para acomodar inovações e/ou assimilar mudanças, de modo a realizar uma reflexão sobre momentos significativos de suas trajetórias profissionais.

Em 2005, a Mostra *Visualidades II* foi promovida entre 22 e 25 de novembro, contando com a participação de 38 professores, abrangendo Educação Infantil, Ensino Fundamental e EJA – Educação de Jovens e Adultos (VISUALIDADES, 2, 2005). Entretanto, diferentemente do ano anterior, a Mostra foi realizada simultaneamente em dezenove escolas municipais, com comunicações e relatos de experiências realizadas no CEMEPE, durante as reuniões do grupo. A mudança de local da Mostra indica o comprometimento do grupo com o Ensino de Arte, pois o principal motivo de seu deslocamento para as escolas foi o de propiciar a visitação de um maior número de pessoas pertencentes à comunidade escolar.

A escolha das temáticas, das técnicas e das trajetórias percorridas ficou a critério de cada professor participante, e os estudos para a fundamentação teórico-pedagógica de suas práticas docentes ficaram a cargo da formação continuada oferecida no grupo por nós investigado. Entretanto, houve um momento em que o tema “Cidade” foi desenvolvido com certo destaque nos estudos do grupo, fato que se refletiu mais enfaticamente em alguns dos trabalhos expostos na referida Mostra.

*Peguei o início da apresentação de imagens da Mostra Visualidades II, montada pela **Hortênsia** e pela **Violeta**. Foi bom ver as fotos dos trabalhos expostos em todas as escolas, pois só pude visitar quatro dentre as dezenove. Foi muito gratificante ver os resultados do nosso trabalho, e descobrir que é uma produção madura e consistente. Percebo que os professores se sentem valorizados ao ver seu trabalho apresentado no grupo.*

(Nota de Campo 09, de 06/03/06)

Violeta faz algumas amarrações sobre as apresentações das convidadas, pois as duas têm trabalhos sob o mesmo tema (A cidade) e apesar disso tiveram uma produção completamente diferente. Essa é uma característica que deve ser bem enfatizada. Todos nós, professores do grupo, podemos desenvolver temas semelhantes, mas cada um tem seu próprio jeito de agir.

(Nota de Campo 10, de 03/04/06)

A seguir, destacamos alguns trabalhos expostos na Mostra *Visualidades II* desenvolvidos a partir do tema “cidade”, realizados em diferentes escolas e por professores diversos e escolhidos por nós de forma aleatória para apresentação no presente estudo. O primeiro deles (Foto 2) esteve exposto na E. M. Profa. Cecy Cardoso Porfírio e apresenta uma composição de casas confeccionadas com diversos tipos de caixinhas de papelão provenientes de embalagens de diferentes produtos, revestidas de papel colorido (tendo paredes, telhados, portas e janelas destacados pelo uso da cor) e dispostas sobre um espaço bidimensional, coladas sobre um desenho feito com giz de cera sobre papel kraft, com alguns elementos também elaborados com recorte e colagem.



Foto 2 – Trabalho de alunos da E. M. Profa. Cecy Cardoso Porfírio, produzido na disciplina de Educação Artística. Mostra *Visualidades II* – Arquivo Pólo UFU da Rede Arte na Escola.

O trabalho seguinte (Foto 3) foi exposto na E. M. Dr. Joel Cupertino Rodrigues e também apresenta uma composição feita com caixinhas revestidas de papel colorido, mas, de outro modo, coladas em um espaço tridimensional, destacando-se a profundidade na composição. Alguns dos detalhes da imagem foram feitos com cola colorida e/ou com recorte e colagem de papéis coloridos. Cada prédio foi disposto em uma superfície plana exposta individualmente, como se fossem terrenos distintos. Assim a cidade completa é representada a partir da disposição dos trabalhos na Mostra.



Foto 3 – Trabalho de alunos da E. M. Dr. Joel Cupertino Rodrigues, produzido na disciplina de Educação Artística. Mostra *Visualidades II* – Arquivo Pólo UFU da Rede Arte na Escola.

Exposto na Escola Municipal de Educação Infantil do bairro Luizote de Freitas, o trabalho a seguir (Foto 4) apresenta a construção de casas e prédios usando-se igualmente caixinhas revestidas com papéis coloridos diversos. Mas, de uma forma diferenciada, as edificações foram coladas umas ao lado das outras em uma única superfície plana, dispostas em conjunto e compondo os quarteirões de uma vila ou bairro. A composição é tridimensional, possibilitando ao observador visualizar as ruas e os blocos de casas de diferentes ângulos. A principal técnica utilizada neste trabalho foi a de recorte e colagem, mas é possível perceber também o uso da pintura em alguns detalhes da obra.



Foto 4 – Trabalho de alunos da Escola Municipal de Educação Infantil do bairro Luizote de Freitas, produzido na disciplina de Educação Artística. Mostra *Visualidades II* – Arquivo Pólo UFU da Rede Arte na Escola.

Da E. M. Prof. Luís Rocha e Silva, destacamos um trabalho que representa a cidade com uma outra caracterização (Foto 5). Embora a técnica e os materiais utilizados sejam semelhantes aos apresentados anteriormente, os elementos dispostos no espaço do trabalho formam uma composição diferenciada. A cidade é representada por uma única rua, circular, ladeada por casas e prédios, bem como por árvores e outros tipos de plantas.



Foto 5 – Trabalho de alunos da E. M. Prof. Luís Rocha e Silva, produzido na disciplina de Educação Artística. Mostra *Visualidades II* – Arquivo Pólo UFU da Rede Arte na Escola.

Com os exemplos apresentados é possível perceber que a elaboração dos trabalhos se deu de maneira diversificada, embora o tema fosse o mesmo (Cidade) e as técnicas e os materiais fossem bastante semelhantes. Há peculiaridades próprias em cada uma dessas produções plástico-visuais, principalmente no que tange aos elementos formais e de composição de cada um dos trabalhos, tais como: ocupação espacial, bi e tridimensionalidade, cor, forma e textura, dentre outros. Cada uma dessas produções originou-se de projetos de ensino diferenciados e, portanto, percorreram caminhos distintos, uma vez que cada professor de Arte teve autonomia para escolher e desenvolver os objetivos, as estratégias, os procedimentos e as avaliações que melhor lhe conviessem.

Cada professor dá pras suas aulas a sua cara, o seu jeitão de ser, enfocando determinados aspectos e excluindo outros, pontuando o que ele considera mais conveniente e passando superficialmente por questões que julga menos importantes.

(Nota de Campo 13, de 03/07/06)

A Mostra *Visualidades III*, realizada de 2 a 6 de outubro de 2006, contou com a participação de 29 professores e aconteceu, simultaneamente, em dezessete escolas municipais (VISUALIDADES, 3, 2006), sendo cinco delas visitadas pelo grupo investigado, com a presença da pesquisadora, que registrou os eventos por meio de anotações e gravações em áudio.

Às 07h50min fomos para a E. M. Amanda Carneiro Teixeira, que fica ao lado do CEMEPE. O tema trabalhado pelas professoras foi desenvolvido a partir dos livros “Usos e Costumes” e “Festas e Tradições”, da coleção Arte e Raízes, da Editora Moderna. Havia também uma série de trabalhos bi e tridimensionais, com desenhos muito criativos e interessantes. [...] Terminada esta visita nós fomos para uma outra escola ao lado, E. M. Prof. Horlandi Violatti – Educação Infantil para ver o trabalho desenvolvido por outra professora. Gravei suas explicações sobre o material utilizado como suporte para alguns trabalhos. [...] Ao sair dessa escola, o ônibus solicitado pela coordenação do grupo já nos aguardava na porta para realizar o trajeto de uma escola para a outra. Chegamos à E. M. Prof. Eurico Silva para ver o trabalho desenvolvido por duas professoras. Havia alguns estandartes festivos e uma montagem de máscaras feita a partir da obra Operários, de Tarsila do Amaral, que uma delas trabalhou com EJA (Educação de Jovens e Adultos) registrando passo a passo a confecção das máscaras através de fotografias. Isso enriqueceu muito a sua exposição. [...] A próxima escola visitada foi a E. M. Sebastiana Silveira Pinto. Um dos temas desenvolvidos foi o de Propaganda e Consumo (tema principal do 6º módulo da formação continuada promovida pelo grupo de Arte do CEMEPE), usando a criação de rótulos para garrafas descartáveis, dentre outros. Um outro tema foi o futebol (Copa do Mundo), apresentando releituras da Bandeira do Brasil e da imagem O craque, do artista Aldemir Martins. A montagem ficou muito boa e as professoras tiveram um espaço exclusivo para isso. Lá eu fiz algumas gravações, ouvindo cada uma das professoras discorrerem sobre o seu trabalho. Eu gostei muito! [...] A última escola visitada foi a E. M. Dr. Joel Cupertino Rodrigues. Eu achei tudo muito interessante, principalmente os comentários de cada colega acerca do que foi visto. Valeu muito a pena!

(Nota de Campo 17, de 02/10/06)

Acerca dos comentários feitos durante a visitação à Mostra *Visualidades III*, destacamos alguns que dizem respeito à construção do conhecimento em Arte – a partir dos conteúdos estudados – à realização dos trabalhos – enfocando-se os materiais usados, as estratégias de montagem, as dificuldades encontradas, dentre outros aspectos – e à sua apresentação final – a montagem da exposição, os comentários dos visitantes e a repercussão junto à comunidade escolar.

NA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR HORLANDI VIOLLATI

A professora expositora continua explicando: – Isso aqui foi o primeiro exercício. Depois que eles montaram os bichos, nós fizemos os nomes. Agora vamos inventar os nossos bichos? Aí eu contei a história da fadinha que ela ia inventar os bichos dela. Era *O touro* e *A Cuca*, da Tarsila do Amaral, e aí nós entramos nos bichos do imaginário. Aí eu deixei que fizessem o exercício da fotomontagem. Foi só pra eles construírem os bichos deles. A cabeça tinha que estar junto com um outro corpo. Foram usados vários tipos de suporte e de tamanho de papel (pequenininho, grande), isopor... E usei também massinhas e eles fizeram um trabalho com elas.

Dália pergunta: – E esses desenhos, são tudo do imaginário?

A professora responde: – São do imaginário!

Alguém entra no assunto e também responde: – Esses são do imaginário!

Dália continua querendo saber: – Aqueles são todos desenhos inventados?

A professora responde: – É. (E continua:) Só esses aqui que são de fotomontagem. São pedaços de livro, xérox, desenhos...

Camélia pergunta: – E eles inventaram o nome dos bichos?

A professora responde: – Foi. Eles falavam e eu escrevia.

Camélia demonstra entender: – Hum, hum.

A professora ainda explica os trabalhos: – Eles desenharam e pintaram. Sabe por quê? Porque na primeira experiência com tinta, eles perdiam o desenho.

Eu demonstro compreender: – Ah!

A professora continua dizendo: – Eles estavam tão empolgados com a tinta que eles misturavam tudo o que podiam...

Eu pergunto: – Ah, então eles desenhavam pra pintar por cima?

A professora responde explicando a técnica utilizada nos trabalhos: – Eles desenharam e pintaram. Por isso é pintura e desenho.

Eu exclamo: – Ah, que legal! Parabéns!

[...]

NA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA SEBASTIANA SILVEIRA PINTO

Rubra fala pra professora expositora: Deixa eu te perguntar: – Os alunos pintaram primeiro ou depois que eles colocaram os rótulos nas garrafas?

A professora responde: – Eles pintaram primeiro.

Rubra: – Ah, tá! Aí você usou a garrafa só como suporte do trabalho?

A professora responde: – Não é só suporte.

Rubra pergunta de novo: – Então por que você trabalhou com o papel sobre a garrafa?

A professora responde: – Como um novo rótulo.

Eu entro na conversa: – Ah! Legal, um novo rótulo!

Rubra diz: – Era isso que eu tava querendo saber.

A professora explica: – A proposta foi de criar um novo rótulo referente à Copa do Mundo.

Rubra demonstra entender: – Ah, então você fez uma publicidade com o desenho deles. E como esse trabalho surgiu?

A professora responde: – Da Bandeira Nacional. Essa foi a primeira atividade referente à Copa.

Eu peço pra ela explicar melhor: – Vai falando pra mim então como foi, que eu vou gravando. Como você trabalhou a Copa?

A professora responde: – Bem, aqui eu trabalhei com Portinari⁴⁵. Ali com *O Craque*, de Aldemir Martins⁴⁶ e...

Camélia entra na conversa: – Deixa eu te perguntar, lá foram trabalhadas as bandeiras do mundo todo?

A professora responde: – Não! Só com a Bandeira Nacional, do Brasil.

Camélia pergunta sobre o trabalho dos alunos à sua frente: E o Portinari?

A professora responde apontando os trabalhos expostos: – Portinari é a partir daqui.

Camélia exclama: – Ah, tá, não, então eu entendi!

Magnólia entra no assunto: – O que é isso aqui embaixo, com essas garrafas cheias?

A professora responde: – Rótulos.

Magnólia pergunta: – Você também trabalhou com rótulos?

A professora responde: O rótulo também foi feito a partir do mesmo tema.

Eu digo: – Eu amei o jeito como você usou esse papel! Ficou ótimo! Principalmente o tratamento que você fez com ele na montagem da exposição. Mesmo porque com esse papel, essa queda, deu um “oba” nos trabalhos.

A professora se assusta: – Mas era pra eu ter arrumado isso, menina!

Eu reafirmo: – Não, não! Foi isso que deu um efeito legal. Ficou muito bom, muito bom!

[...]

NA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR EURICO SILVA:

Violeta pergunta: – Como foi trabalhar com a questão religiosa em uma sala “plurirreligiosa”?

A professora expositora responde: – Bom, a questão do trabalho foi feita assim com bastante cautela, tive que fazer todo um estudo primeiro. Na verdade a intenção era trabalhar com a questão da cultura afro, mas como, assim, eu tive alguns problemas ligados com a questão da religiosidade, eu pendi para as festas populares, né? Porque há uma diversidade de festas a ser explorada. Então, assim, foi trabalhada a questão dos estandartes que estão basicamente nas festas juninas, mas o tema eu deixei assim, à escolha do aluno, para escolher um símbolo que estivesse ligado à religião ou não. Inclusive, três alunas, de três doutrinas diferentes, ficaram no mesmo grupo e trouxeram para o seu trabalho três elementos das três doutrinas.

Eu digo: – Ah! Que legal! Você enfocou mais a festa popular? Mais da cultura popular do que da religião?

A professora expositora responde: – É, da cultura popular!

[...]

Eu pergunto para a **Carmim** ao meu lado: – Qual é a sua impressão dessa exposição?

Carmim se assusta com o gravador: – De verdade?

Eu respondo: – É, uai! (risos) Eu não conversei com você hoje, ainda...

Carmim responde: – Bom, eu gostei! Gostei dessa montagem, dessa releitura que ela fez da Tarsila [da obra *Operários*]. Achei muito interessante o jeito que ela montou a sua exposição!

(Reunião de 02/10/06)

Aproveitando este último diálogo, apresentaremos a seguir algumas imagens de trabalhos expostos nas três Mostras *Visualidades*, reunidas a partir de aproximações entre temas, materiais e/ou técnicas. Enfocaremos, mais uma vez, a variedade de produções realizadas, exemplificando visualmente como as idéias, experiências e saberes apresentados no grupo de professores de Arte do CEMEPE costumam ser (re)elaborados e (re)significados individualmente pelos professores que o integram.

O trabalho destacado a seguir (Foto 6) refere-se ao último diálogo supramencionado e foi produzido na E. M. Prof. Eurico Silva, com máscaras confeccionadas pelos próprios

⁴⁵ Cândido Portinari (1903-1962), artista plástico brasileiro, modernista.

⁴⁶ Aldemir Martins (1922- 2006), artista plástico brasileiro, ilustrador, pintor e escultor.

alunos. Na montagem das máscaras para a exposição explicitou-se a influência da obra estudada durante as aulas, cuja imagem é apresentada imediatamente abaixo (Foto 7).



Foto 6 – Trabalho de alunos da E. M. Prof. Eurico Silva, produzido na disciplina de Educação Artística. Mostra *Visualidades III* – Arquivo Pólo UFU da Rede Arte na Escola.

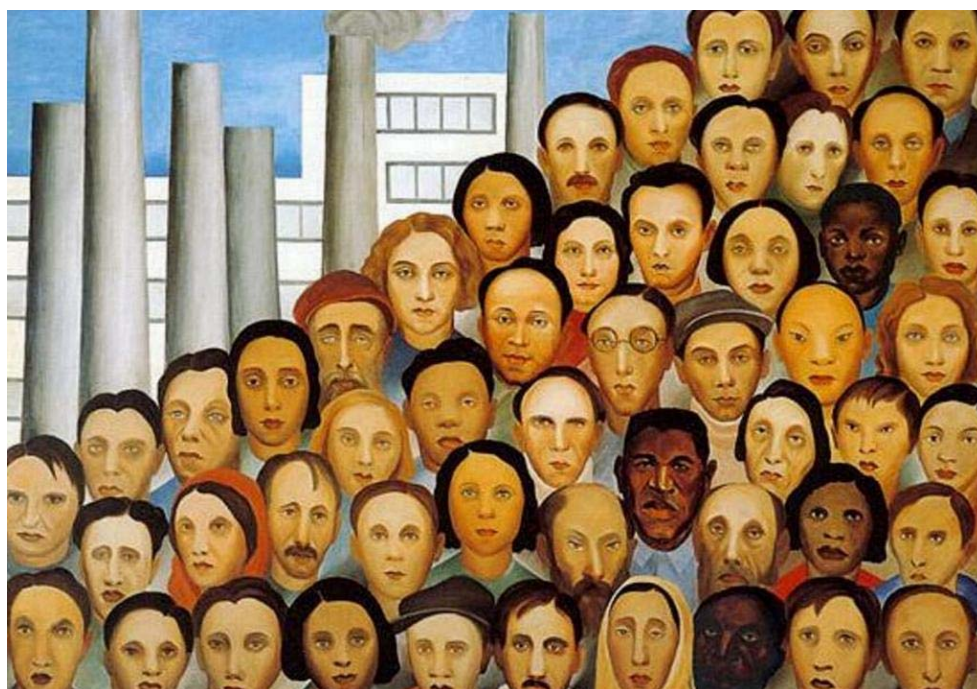


Foto 7 – AMARAL, Tarsila do. **Operários**. 1933. Óleo sobre tela 150 x 205cm. Coleção do Governo do Estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.tarsiladoamaral.com.br/index_frame.htm>. Acesso em: 21 de abr. 2007. (Detalhe)

Sobre o trabalho acima apresentado – tendo como referência a imagem da obra *Operários* (1933) de Tarsila do Amaral – destacamos, por ocasião da visita feita àquela Mostra, as seguintes falas:

A professora explica o trabalho das máscaras em exposição: – A **Havana** me perguntou como que foi feito o processo de elaboração das máscaras, e eu estava explicando pra ela que primeiro a gente preparou o rosto do aluno... é... com um creme. Depois é que fomos recortando as ataduras em tiras, passando no gesso molhado e então moldando no rosto. Só depois de estar tudo seco é que as máscaras foram pintadas.

Então eu pergunto: – E você fotografou tudo, né?

A professora responde: – Tudo! Tudinho! Olha só, os registros e as fotos estão aí, ó!

(Reunião de 02/10/06)

Contudo, essa não foi a única exposição onde se viu a releitura dessa obra de Tarsila do Amaral. Na Mostra *Visualidades II* também foram apresentados alguns trabalhos a partir de leituras de imagem da mesma obra. Na E. M. Profa. Cecy Cardoso Porfírio, por exemplo, foi apresentado, dentre outros, um trabalho feito com lacres de latinhas de cerveja e/ou refrigerante, colados sobre um papel sulfite previamente desenhado com lápis de cor, o que pode ser observado na imagem a seguir (Foto 8).

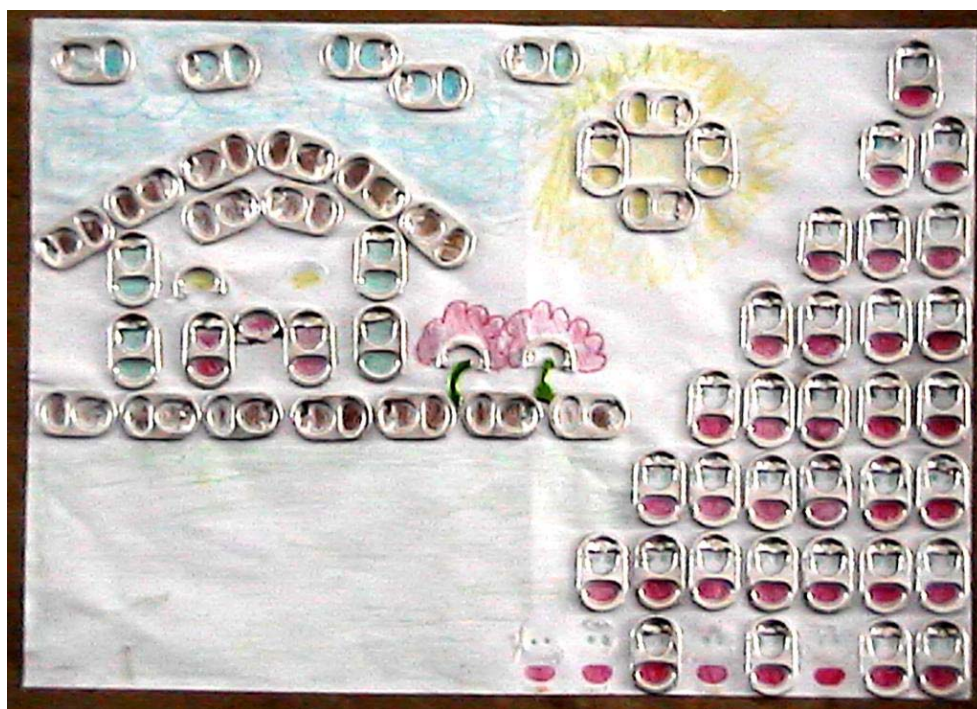


Foto 8 – Trabalho de alunos da E. M. Profa. Cecy Cardoso Porfírio, produzido na disciplina de Educação Artística. Mostra *Visualidades III* – Arquivo Pólo UFU da Rede Arte na Escola.

Analisando as imagens apresentadas em todas as Mostras *Visualidades*, identificamos a existência de diálogos entre os trabalhos expostos, tanto a partir do tema quanto dos materiais e técnicas desenvolvidos no decorrer de cada Projeto de Ensino, os quais foram elaborados por cada um dos professores de Arte na escola onde leciona. Entretanto, em todas as ocasiões, foi igualmente possível observar as peculiaridades de cada produção, diferenciando os modos de elaboração e de construção da imagem. Muitos professores têm trabalhado temas comuns, como por exemplo “Identidade”, que foi observado nas três realizações da Mostra e que serão destacados por nós a seguir.

Apresentamos um trabalho realizado na E. M. Prof. Luis Rocha e Silva, exposto na primeira Mostra *Visualidades* em 2004 (Foto 9), onde a figura humana encontra-se como elemento principal da imagem, produzida com a técnica de pintura. Nota-se, no painel abaixo, a presença de cinco trabalhos distintos, realizados por autores diferentes, cuja temática encontra-se destacada na parte superior do espaço, em uma legenda centralizada, onde se lê a frase “Pintando meu corpo...”. Em face desse tema podemos entender que a ênfase no estudo da figura humana, para a realização de tais pinturas, pode ter sido explorada a partir da estrutura corporal de cada aluno.



Foto 9 – Trabalho de alunos da E. M. Prof. Luis Rocha e Silva, produzido na disciplina de Educação Artística. Mostra *Visualidades* – Arquivo Pólo UFU da Rede Arte na Escola.

De maneira semelhante, apresentamos a seguir (Foto 10) um trabalho elaborado na Escola Municipal de Educação Infantil Carmelita Vieira dos Santos e exposto em 2005 na Mostra *Visualidades II*.

Utilizando uma técnica mista sobre o papel kraft – onde se vê nitidamente a utilização de pintura, colagem e desenho na construção da forma e na grande ocupação do espaço – nota-se, na foto exibida, uma figura humana centralizada na composição, com destaques no uso de cores fortes e vibrantes tanto na figura como no fundo.



Foto 10 – Trabalho de alunos da Escola Municipal de Educação Infantil Carmelita Vieira dos Santos, produzido na disciplina de Educação Artística. Mostra *Visualidades II* – Arquivo Pólo UFU da Rede Arte na Escola.

Ainda na mesma Mostra (*Visualidades II*), professoras da E. M. Amanda Carneiro Teixeira desenvolveram um projeto pontuando entre outros o tema “Identidade”⁴⁷, cujas produções foram expostas naquela ocasião. Um exemplo se vê na imagem seguinte (Foto 11), onde figuras humanas se encontram ao lado umas das outras, com características e peculiaridades distintas, advindas dos próprios autores: os alunos. Elaboradas com a técnica de pintura, figuras e fundo recebem o mesmo tratamento pictórico, ressaltado por cores vibrantes na grande ocupação do espaço.

Este trabalho compôs a capa do convite da Mostra *Visualidades II*.

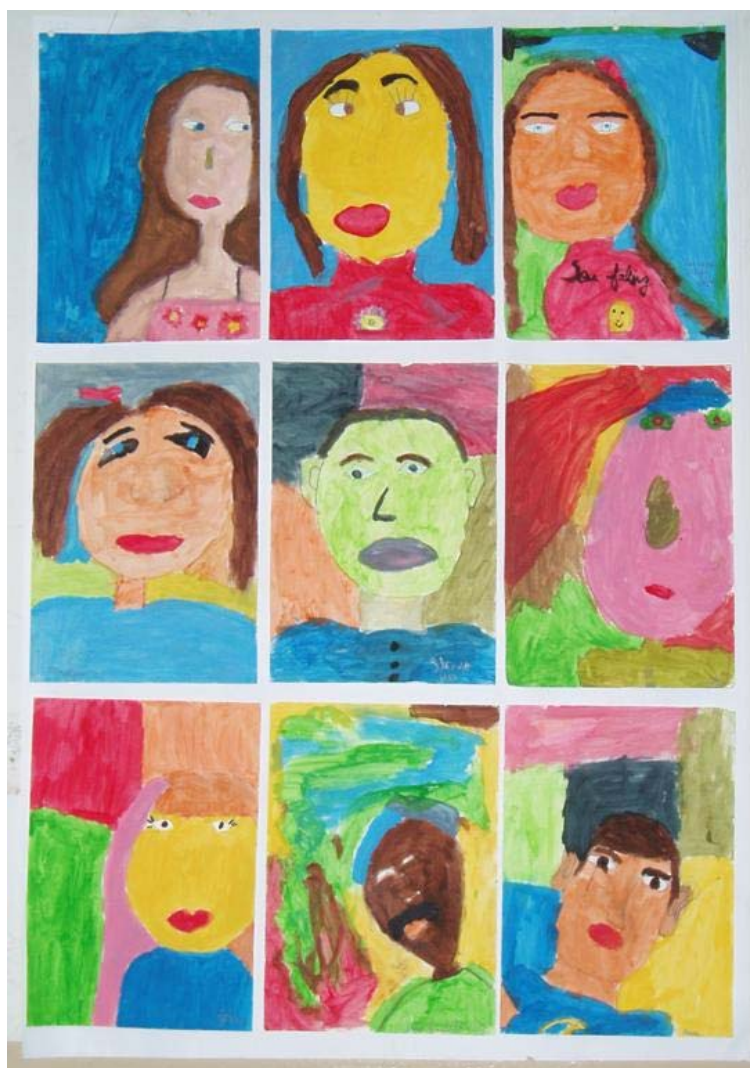


Foto 11 – Trabalho de alunos da E. M. Amanda Carneiro Teixeira, produzido na disciplina de Educação Artística. Mostra *Visualidades II* – Arquivo Pólo UFU da Rede Arte na Escola.

⁴⁷ Ressaltamos que esse foi um dos temas estudados e discutidos nas reuniões do grupo investigado, havendo troca de idéias e sugestões sobre diferentes formas de criação plástico-visual a serem propostas para os alunos.

A seguir, destacamos uma imagem (Foto 12) exposta na Mostra *Visualidades III* (2006), retirada dos trabalhos realizados na E. M. Prof. Otávio Batista Coelho Filho. Nela encontramos também a representação de uma figura humana, desenhada com lápis de cor sobre papel branco e com algumas linhas em alto relevo, coladas com barbante. Nessa foto é possível perceber, do mesmo modo como nas imediatamente anteriores, que a figura principal está igualmente centralizada no espaço da composição, protagonizando a cena exposta. Explicita-se uma grande ocupação do espaço, onde figura e fundo são trabalhados com a mesma intensidade. A imagem suscita no observador o desejo de saber qual proposta teria sido utilizada como procedimento de ensino para o desenvolvimento da criatividade dos alunos, aguçando a nossa curiosidade ao imaginar: — Quem seria a pessoa aqui retratada?

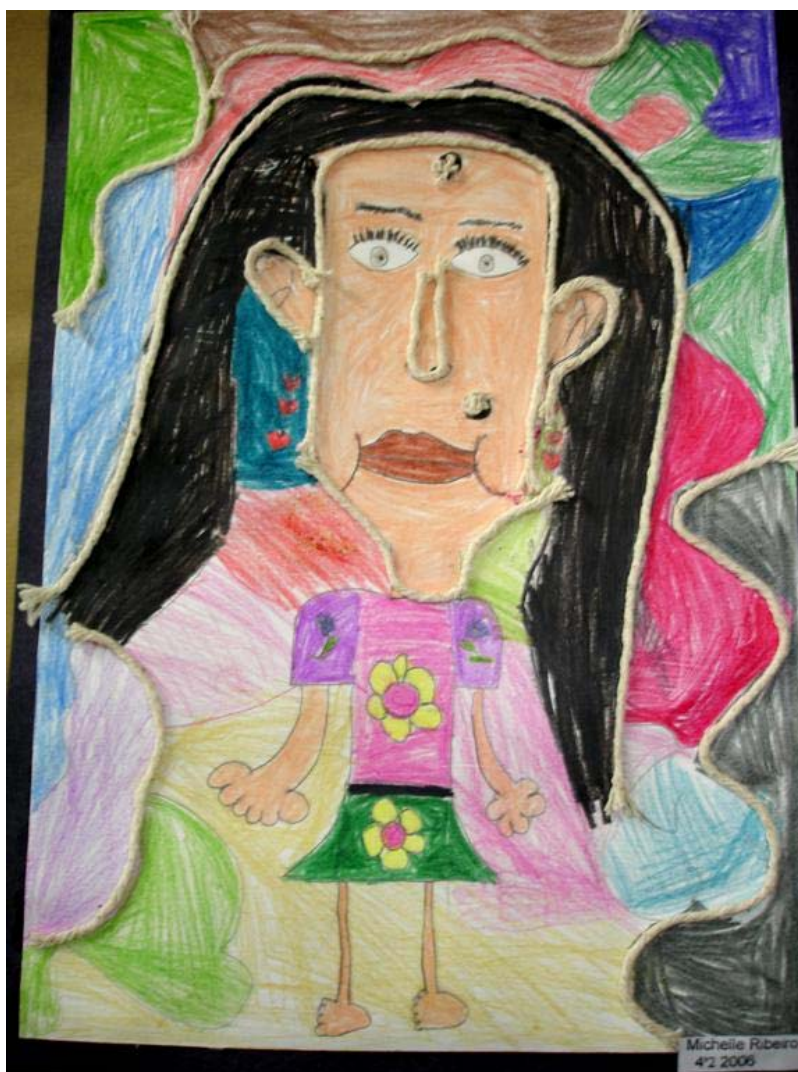


Foto 12 – Trabalho de alunos da E. M. Prof. Otávio Batista Coelho Filho, produzido na disciplina de Educação Artística. Mostra *Visualidades III* – Arquivo Pólo UFU da Rede Arte na Escola.

Nas três últimas imagens apresentadas, verificamos a presença de um mesmo elemento central: a figura humana. Entretanto, nota-se que a sua elaboração se deu de modo diferenciado, não apenas pelo uso de materiais distintos, mas, sobretudo na criação da forma e na utilização da cor, corroborando a idéia de que, mesmo que haja uma proposta de trabalho semelhante ou um mesmo ponto de partida, as trajetórias percorridas e a produção final dos projetos de ensino nunca serão idênticas, principalmente quando a ênfase recair no processo criativo dos alunos.

Constatando a diversificação da produção plástico-visual exposta em todas as Mostras *Visualidades*, percebemos que, a partir de uma mesma proposição (figura humana) e da utilização de técnica e materiais semelhantes, construíram-se percursos e obtiveram-se resultados bastante diferenciados, de acordo com os projetos de ensino desenvolvidos por cada professor. Apresentaremos então algumas produções de alunos que exemplificarão visualmente o que acabamos de afirmar.

Abaixo (Foto 13), produzidas na E. M. Prof. Luis Rocha e Silva, vemos algumas figuras humanas construídas com estruturas de papel dobrado e/ou amassado, recobertas com tiras de papéis coloridos e trabalhadas com lãs e botões, além de haver alguns detalhes desenhados. As figuras explicitam uma composição com predomínio nas cores primárias.



Foto 13 – Trabalho de alunos da E. M. Prof. Luis Rocha e Silva, produzido na disciplina de Educação Artística. Mostra *Visualidades* – Arquivo Pólo UFU da Rede Arte na Escola.

Da Mostra *Visualidades II* destacamos um trabalho enfocando a figura humana, elaborado de maneira semelhante àquela apresentada na página anterior, ou seja, utilizando-se o papel como estrutura básica na construção da forma e adicionando pintura e/ou colagem de materiais diversos.

A imagem a seguir (Foto 14) refere-se a uma produção exposta na E. M. Professor Luis Rocha e Silva, com bonecos construídos com a técnica de papel *machê* e coloridos posteriormente com tinta. Ao observar as figuras remetemo-nos a alguns temas estudados nos encontros do grupo pesquisado, sobre as diferenças de gênero, raça e etnia, e imaginamos: — Teria sido esse o tema central da proposta deste trabalho? Qualquer que fosse a resposta para tal questionamento, certamente podemos afirmar que as discussões realizadas coletivamente durante as reuniões de Arte no CEMEPE, puderam oferecer o suporte teórico-conceitual necessário para alicerçar as proposições geradoras desta produção plástica se esse fosse o tema escolhido.



Foto 14 – Trabalho de alunos da E. M. Professor Luis Rocha e Silva, produzido na disciplina de Educação Artística. Mostra *Visualidades II* – Arquivo Pólo UFU da Rede Arte na Escola.

Na Mostra *Visualidades III* destacamos duas escolas onde igualmente havia trabalhos com a predominância de figuras humanas tridimensionais. A imagem a seguir (Foto 15) mostra uma produção realizada na E. M. Sebastiana Silveira Pinto, a partir de bonecos confeccionados com papel dobrado e pintados para ressaltar os detalhes. As figuras foram dispostas na Mostra enfatizando-se o movimento do corpo humano, colocada sobre uma superfície plana trabalhada por meio de uma pintura sobre papel kraft. A cena resultante a partir da composição das figuras representa um jogo de futebol.



Foto 15 – Trabalho de alunos da E. M. Sebastiana Silveira Pinto, produzido na disciplina de Educação Artística. Mostra *Visualidades III* – Arquivo Pólo UFU da Rede Arte na Escola.

Na Mostra *Visualidades III*, especificamente na E. M. Prof. Otávio Batista Coelho Filho, também foram expostos alguns bonecos (Foto 16), e dessa vez representando os seus próprios autores (os alunos), cuja montagem inclui as suas fotos junto à produção. Os bonecos foram construídos a partir de diferentes estruturas (materiais recicláveis), revestidas com papel pintado e/ou desenhado posteriormente, para destacar os tons de pele e os detalhes das expressões faciais. Materiais diversos também foram agregados à estrutura dos bonecos, compondo os cabelos, as roupas e os acessórios de cada figura humana. São auto-retratos, contendo detalhes que caracterizam cada um de seus criadores. Imagens elaboradas com uma atenção especial aos pormenores, às formas e às cores para o observador identificar sua autoria. Ao lado de cada boneco vê-se também a imagem fotográfica do aluno-autor ou aluna-autora, como uma forma de explicitar a paternidade/maternidade daquela obra, o que é possível verificar na imagem abaixo.



Foto 16 – Trabalho de alunos da E. M. Prof. Otávio Batista Coelho Filho, produzido na disciplina de Educação Artística. Mostra *Visualidades III* – Arquivo Pólo UFU da Rede Arte na Escola.

O uso de materiais diferenciados na composição da figura humana propõe uma pesquisa acerca dos possíveis suportes de trabalho e de determinados elementos que contribuem para agregar significados à produção plástico-visual dos alunos. Enfatizamos esse aspecto nas duas imagens seguintes (Fotos 17 e 18), a primeira realizada na E. M. Amanda Carneiro Teixeira e a segunda na E. M. Prof. Otávio Batista Coelho Filho. Nos dois trabalhos é possível observar estruturas feitas com garrafa descartável, jornal dobrado e/ou papel *machê*, bem como alguns detalhes pintados. Como materiais alternativos, adicionados à construção da figura humana, percebemos roupas de tecido, cabelos de fios de lã trançados, flores de plástico e óculos de arame retorcido, dentre outros.



Fotos 17 e 18 – Trabalhos de alunos da E. M. Amanda Carneiro Teixeira e da E. M. Prof. Otávio Batista Coelho Filho, produzidos na disciplina de Educação Artística e expostos nas Mostras *Visualidades II* e *Visualidades III*, respectivamente – Arquivo Pólo UFU da Rede Arte na Escola.

Destacamos até aqui alguns exemplos que revelam a diversidade de produções realizadas pelos professores de Arte da Rede Municipal de Ensino, e apresentadas nas Mostras *Visualidades* dos anos de 2004, 2005 e 2006. Desse modo, podemos perceber visualmente alguns trabalhos constituídos a partir dos estudos realizados no grupo de professores de Arte do CEMEPE e (re)estruturados por meio da troca de experiências, da partilha das idéias e de sugestões, como por exemplo os que partem da proposição da figura humana como estímulo à criação. No grupo foram estudados assuntos relacionados à identidade, ao trabalho e consumo, ao respeito pelas diferenças (de gênero, raça e etnia), as diversas possibilidades de recursos materiais na produção artística, dentre outros. Assim, as discussões de diferentes temas também podem se tornar uma fonte de proposições para o exercício plástico-visual dentro da sala de aula.

Gostaríamos de ressaltar ainda que é no decorrer das reuniões do grupo pesquisado que os docentes discutem os seus saberes, mas também o seu “não-saber”. A partir das propostas presentes nos módulos da formação continuada, os professores têm a oportunidade de confrontar a sua prática pedagógica com os estudos teóricos da sua área, compartilhando modos de preparar as aulas, de avaliar os processos e produtos, de registrar o próprio fazer e de desenvolver reflexões e críticas, visando ao fortalecimento do seu trabalho. De acordo com Fontana,

Somente em relação a outro indivíduo tornamo-nos capazes de perceber nossas características, de delinear nossas peculiaridades pessoais e nossas peculiaridades como profissionais, de diferenciar nossos interesses das metas alheias e de formular julgamentos sobre nós próprios e sobre o nosso fazer. A partir do julgamento que os outros fazem de nós, do julgamento que fazemos dos outros e percebendo os julgamentos dos outros sobre nós próprios tomamos consciência de nós mesmos, de nossas especificidades e de nossas determinações. (FONTANA, 2000. p. 62)

O grupo por nós investigado mediatiza a troca de idéias, de informações, de conhecimentos e de saberes, constituindo-se como um espaço propício para narrar, descrever e analisar as leituras realizadas; as vivências do cotidiano escolar; os modos de agir na sala de aula; as estratégias do ensinar-aprender escolhidas — ou, muitas vezes, até criadas — para solucionar possíveis dificuldades no processo de ensino-aprendizagem; os trabalhos desenvolvidos com e pelos alunos; os sucessos e os problemas vividos pelos professores de Arte no decorrer de sua trajetória pedagógica.

Cada professor na sua aula vai ressignificando o trabalho, as pesquisas, as leituras do grupo, de uma maneira diferente, né? Então, assim, o que é trabalhado na reunião, nos estudos, [não é tratado como] uma receita, mas como possibilidade.

(Hortênsia – Reunião de 11/09/06)

A partir de 2004, nos módulos de formação continuada, foi proposta ao grupo de professores de Arte do CEMEPE a prática do registro não só da produção plástica realizada ao final de determinado período (hábito comum entre alguns professores), mas principalmente de todo o processo de trabalho, desde o seu planejamento até os resultados finais, como uma forma de documentação da sua prática docente. Tal sugestão se apresentou como uma alternativa a mais para a reflexão sobre o trabalho realizado em sala de aula e como uma possibilidade favorecedora do desenvolvimento de novos projetos de ensino. Concordamos com Fontana (2000, p. 158) quando afirma que “a prática do registro, como ação social sobre nós mesmas, nasce de nossas ações sobre o outro e das ações do outro sobre nós, de modo que cada momento que vivemos e revivemos é nosso e também alheio. A alteridade é constitutiva”.

Assim, é importante ressaltar que a troca de experiências, idéias e conhecimentos não acontece no grupo investigado unicamente de maneira verbal e/ou escrita, mediada pelos códigos da “palavra”, mas ela se dá também na forma iconográfica, onde a imagem se caracteriza como linguagem própria utilizada, mediada por outros símbolos e conteúdos. Nesse sentido, é necessário entender que “apesar de *vivermos no interior do ato do discurso*, a matriz verbal não é a única capaz de articular o intelecto humano. Outras modalidades, como o ícone ou a nota musical, podem também cumprir esta função” (LAPLANE, 2000, p. 49, destaques da autora).

Tanto a participação como a visita dos professores de Arte às Mostras *Visualidades*, oportunizando a experiência de se estar diante de uma determinada produção plástico-visual, também enriquece a bagagem de conhecimentos desses docentes, complementando os estudos e as partilhas realizadas nas reuniões, gerando saberes e fazeres outros, novos e diversos. Desse modo, a imagem não se resume ao simples registro de um planejamento de ensino, produto final de um projeto pedagógico, mas ela passa a ter, por si mesma, conteúdos e significações próprias.

Uma determinada imagem pode ser sedutora, interessante ou até mesmo estranha, visualmente, porém o mais importante é atentar para os significados e sentidos que ela traz para o público, as provocações que desperta no observador, principalmente quando o mesmo se trata de um professor de Artes Visuais.

Observando, por exemplo, uma mesma temática presente nos trabalhos expostos no decorrer das Mostras *Visualidades I, II e III* e aqui analisados, é possível perceber (re)elaborações feitas pelos professores/propositores a partir dos temas enfocados; dos materiais utilizados na produção plástica realizada; da disposição dos trabalhos nas

exposições; das formas, cores, planos e demais conteúdos específicos estudados. É também por meio da observação da produção apresentada pelos seus pares, que os professores de Arte discutem, refletem e repensam o seu próprio trabalho, (re)criando novas possibilidades de ação dentro da sala de aula e ressignificando a sua *práxis* docente. Por meio da troca de informações visuais, proporcionada principalmente pelas Mostras *Visualidades*, os professores de Arte têm podido ampliar os seus conhecimentos e saberes, incorporando técnicas, materiais e temáticas aos seus projetos de ensino, (re)estruturando e (re)construindo suas ações, o que é visualmente perceptível nos casos aqui apresentados.

4.8 O CEMEPE: espaço de reuniões do grupo de professores de Arte

A gente precisa daquele espaço
específico para as reuniões,
para trocar idéias com os colegas.
O CEMEPE é um lugar
de sistematização teórico-metodológica,
mas também um espaço de convívio,
onde a confiança entre os professores de Arte
vai sendo estabelecida.

(Hortênsia – Reunião de 11/09/06)

Observando-se os aspectos mais relevantes do percurso histórico do grupo de professores de Arte da Rede Municipal de Ensino de Uberlândia, nota-se que o CEMEPE tem sido palco principal de seus encontros, desde a sua inauguração. De acordo com Leão (2005), o CEMEPE foi oficialmente inaugurado no dia 14 de março de 1991, em um prédio alugado na Rua Jochen Carneiro no bairro Lídice, com o objetivo de oferecer suporte teórico e metodológico ao Departamento de Projetos Especiais da Secretaria Municipal de Educação, do qual o Ensino de Arte, naquele momento, fazia parte.

Todavia, de acordo com a mesma autora, foi apenas em 1992 que a criação do CEMEPE, como um centro de capacitação, foi oficializada, sendo também anunciada a sua mudança para uma sede própria, a ser construída junto à E. M. Prof. Otávio Batista Coelho Filho, no intuito de atender especificamente à demanda da Rede Municipal de Ensino. A mudança do CEMEPE para o novo prédio ocorreu somente em outubro de 1996, onde funciona até hoje.

Contando com cerca de três mil metros quadrados de área construída, o CEMEPE situa-se atualmente na Av. Prof. José Inácio de Sousa, 1956, no bairro Brasil. (LEÃO, 2005) Torna-se importante ressaltar, no entanto, que a sua localização possui uma característica peculiar que será relevante em algumas reuniões do grupo: o fato de o CEMEPE situar-se bem próximo à BR 452, cujo tráfego de veículos é contínuo, com um grande fluxo de caminhões, carros e outros meios de transporte bastante barulhentos (Foto 19).



Foto 19 – Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais “Julieta Diniz” – CEMEPE. Fachada lateral – Arquivo pessoal.

O CEMEPE possui diversas dependências apropriadas para a realização de suas atividades e, durante a nossa permanência no campo da pesquisa como investigadora, as reuniões do grupo de professores de Arte aconteceram em diferentes salas, conforme os eventos propostos em cada dia.

As salas do CEMEPE são divididas da seguinte forma:

01. Administração;
02. Apoio administrativo / Parcerias / Xérox;
03. Digitação;
04. Braille;
05. Recursos Humanos;
06. Libras;
07. Laboratório;
08. Educação Infantil;
09. Educação Infantil;

10. Educação de Jovens e Adultos – EJA;
11. Ensino Fundamental – Coordenação de Áreas;
12. Ensino Fundamental;
13. Sala de reunião;
14. Núcleo de leituras e Mídia/ Correio Educação;
15. Biblioteca;
16. Cantina;
17. Depósito;
18. NADH – Núcleo de Atendimento às Diferenças Humanas;
19. Laboratório de Informática;
20. Sala de reunião;
21. Sala de reunião;
22. Sala de reunião;
23. Sala de reunião;
24. Laboratório de Informática
25. Núcleo de Tecnologia e Educação;
26. Sala de reunião;
27. Sala de reunião;
28. Sala de reunião;
29. Sala de reunião;
30. Auditório.

O prédio CEMEPE possui dois andares, sendo que o andar térreo comporta desde a sala 01 até a 17, e o andar superior da sala 18 a 30, cujo acesso se dá por meio de uma rampa situada bem ao lado da sala 17, no pátio de entrada. Destacaremos, então, o uso de salas ocorrido nos anos de 2005 e 2006 pelo grupo de professores de Arte do CEMEPE.

No decorrer de nossa pesquisa, o grupo investigado se reuniu oito vezes na sala 27, que, excluindo-se o auditório, é uma das melhores salas do prédio, bastante ampla e com uma boa visibilidade das apresentações em data-show. Sua localização é privilegiada pois se encontra no primeiro andar do prédio e fica um pouco mais distante da movimentada rodovia que contorna boa parte da frente e da lateral do CEMEPE. Entretanto, as janelas laterais desse cômodo dão para uma área externa da E. M. E. I. Amanda Carneiro Teixeira, onde há uma quadra de esportes e um quiosque, o que significa um outro tipo de barulho durante as reuniões.

O tempo está estranho, até ontem o calor era insuportável e hoje o dia amanheceu embruscado, como se diz popularmente. Lá fora o vento é um pouco frio, mas aqui dentro da Sala 27, com as janelas todas fechadas, o frio não entra.

(Nota de Campo 04, de 15/09/05)

Nesse momento começa um barulho exterior horrível. Alguém da Escola Amanda (que é aqui do lado do CEMEPE) está gritando no microfone bem atrás das janelas da nossa sala. E ela fica falando... falando... Tal fato nos atrapalha ouvir o que a palestrante diz, ainda mais que esta fala muito suavemente e baixo. Depois de um certo tempo, a convidada sai um pouco da sala para beber água e eu aproveito para fechar as janelas. O barulho diminuiu bastante, ficando lá fora.

(Nota de Campo 05, de 06/10/05)

Quatro reuniões aconteceram na sala 22 que é bem menor do que a mencionada anteriormente mas que também se encontra no andar superior do edifício. Porém, ela fica mais próxima à rodovia mencionada. Nas notas de campo muitas vezes o barulho exterior foi destacado como um empecilho para o desenvolvimento das reuniões de uma forma mais tranqüila.

A reunião hoje é na sala 22, o que é uma pena, pois, além da sala ser pequena, o barulho da rodovia é grande e atrapalha muito.

(Nota de Campo 10, de 03/04/06)

O barulho da rodovia é muito maior hoje. Estão duplicando esse trecho e há ruídos diversos: um tipo de alarme que toca constantemente, que parece a sirene de alguns caminhões quando estão dando marcha à ré; o som de um rolo compressor que, além de atrapalhar o que falamos, faz todo o prédio trepidar (as nossas cadeiras, o chão e até as paredes). O fluxo de caminhões que hoje transita pela rodovia parece ser bem maior do que o normal, em vista do barulho que fazem.

(Nota de Campo 14, de 07/08/06)

Dália continua mostrando as transparências de sua apresentação: Nós temos aqui um gráfico que mostra o investimento em publicidade. [...] Quando mostram que as propagandas correspondem a um... um meio... de jornais e revistas, tem um dado que diz de dois terços que são... [e o barulho vindo da rodovia aumenta e não dá pra entender o que ela diz. Há uma sirene de marcha à ré de um caminhão que toca freqüentemente desde o começo da gravação da reunião de hoje. No início da fita já é possível ouvir o barulho das obras na rodovia, acho que são de duplicação desse trecho, pois me lembro de ter visto nesse dia vários caminhões basculantes cheios de terra e todo tipo de máquinas usadas em pavimentação].

(Reunião de 07/08/06)

As salas 21 e 23 foram usadas para a reunião do grupo de professores de Arte somente uma vez durante a nossa pesquisa *in loco*, e o espaço físico de ambas é muito semelhante ao da sala supramencionada, tanto no tamanho quanto na disposição interior dos móveis. Por

estarem respectivamente ao lado da sala 22, o barulho exterior é igual, tornando-se um fator prejudicial ao bom andamento das reuniões. Entretanto, esse fato algumas vezes se mostra menos incômodo, pois as próprias características do grupo ajudam a superar o problema dos ruídos externos, principalmente quando o número de professores presentes é um pouco menor. Desse modo, percebemos que o barulho proveniente da área externa ao prédio do CEMEPE por vezes é em parte superado, dependendo do comportamento do grupo na ocasião.

Estamos na sala 23, pois o grupo de professores do turno da tarde é bem menor do que o da manhã, e mesmo sendo uma sala com grande barulho que vem da rodovia, o grupo é um pouco mais silencioso e procura participar da melhor forma possível.

(Nota de Campo 08, de 08/12/05)

Utilizamos a sala 06, situada no andar térreo, também uma única vez no recorte temporal referido, e isso aconteceu no dia de uma reunião extraordinária, quando os participantes estavam em um número bem reduzido em comparação com as reuniões regulares. Esta sala também fica bastante próxima da rodovia, havendo igualmente o transtorno do barulho externo. Nesse andar é possível ver da janela carros, caminhões, ônibus e outros tipos de veículos transitando pela rodovia (Foto 20).



Foto 20 – Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais “Julieta Diniz”
– CEMEPE. Vista de uma janela do andar térreo – Arquivo pessoal.

Ao lado da sala anteriormente mencionada, a sala 07 também se localiza no andar térreo do prédio e foi igualmente utilizada uma única vez entre 2005 e 2006, durante um exercício acerca do processo criativo sobre o tema “cidade”. Por ser um laboratório, com bancadas e pias, este foi o melhor lugar para se desenvolver a atividade prática proposta, que se referia à construção de algumas maquetes, utilizando-se técnicas e materiais diversos.

Do mesmo modo, a sala 30, onde se situa o auditório do CEMEPE, foi utilizada para as reuniões dos professores de Arte apenas uma única vez no período de nossa pesquisa. Esta é uma sala diferenciada em relação às outras do mesmo prédio e é geralmente destinada aos eventos mais importantes ou que requerem algum protocolo. Esta sala não possui janelas, é toda acarpetada do chão ao teto, e foi projetada para que os barulhos externos não sejam ouvidos quando a porta está fechada, o que facilita sobremaneira o entendimento de tudo o que se diz ali. Há também alguns recursos exclusivos no uso da sala, tais como: microfones com som ambiente, ar condicionado, data-show e uma grande tela branca para a projeção de slides. O lugar destinado aos palestrantes ou oradores possui um piso mais elevado, facilitando a visibilidade de quem está assistindo ao evento em questão. Nesse mesmo local ainda há uma grande mesa para a realização de Conferências ou para compor determinados eventos, tais como: abertura de Congressos, apresentações em Mesa Redonda, dentre outros. Há ainda no recinto um conjunto de bandeiras (do Brasil, de Minas Gerais, de Uberlândia e do CEMEPE) para as ocasiões mais solenes, bem como uma tribuna para o orador do evento, onde se lê a palavra CEMEPE em destaque. As carteiras são acolchoadas e, portanto, mais confortáveis do que as pertencentes às salas anteriormente citadas. Desse modo, esta sala é bastante requisitada e o seu uso deve ser agendado com antecedência.

Conforme anotei no cabeçalho desta nota, estamos na Sala 30, no auditório do CEMEPE. O barulho da rodovia é grande lá fora, e ele atrapalha, pois não se pode fechar a porta porque precisamos de um facho de luz para escrever, já que se fez necessário apagar as luzes para visualizar melhor os slides apresentados pela palestrante. Hoje está bem frio, mas a sala está quentinha, já que o ar condicionado está desligado, e como esta sala não tem janelas esse fator torna mais quente o ambiente, que é acarpetado do chão às paredes. Ainda bem que a porta está aberta, pois como tenho me mostrado ultimamente claustrofóbica, sinto-me menos mal. A luz é uma “desculpa necessária” a mais para não lacrar o ambiente, evitando que todo mundo fique respirando o mesmo ar.

(Nota de Campo 03, de 11/08/05)

Haver um local próprio para a realização das reuniões do grupo de professores de Arte da Rede Municipal é um fator importante na constituição desse grupo e dos saberes de seus

integrantes, pois além de ser espaço de agregação ele também proporciona certa segurança na efetivação dos encontros, bem como a infra-estrutura necessária.

4.9 Conceitos e definições: afinal de contas o que se entende por grupo?

*Grupo é o resultado da dialética
entre a história do grupo (movimento horizontal)
e a história dos indivíduos com seus mundos internos,
suas projeções e transferências (movimento vertical) no
suceder da história da sociedade
em que estão inseridos.*

Madalena Freire

Ao longo deste capítulo fomos delineando e percorrendo um caminho que melhor pudesse dar a conhecer o grupo por nós investigado, e para compreendê-lo ainda mais, trataremos de expor alguns conceitos e definições de grupo, até chegar às concepções dos próprios professores acerca do grupo de Arte do CEMEPE.

Assim, buscando o significado da palavra "grupo" no dicionário encontramos a seguinte definição: “Grupo: sm. 1. Reunião ou conjunto de pessoas, coisas ou objetos que se abrangem no mesmo lance de olhos ou formam um todo. 2. pequena associação de pessoas reunidas para um fim comum” (FERREIRA, 2000, p. 356).

Sob o nosso ponto de vista, esta definição sugere um significado muito importante que é a compreensão de grupo como uma reunião de coisas ou pessoas que são vistas como possuidoras de algo em comum, ou que naturalmente possuem uma ou mais características semelhantes, ou ainda pelo aspecto que para nós é o mais importante e se aplica ao grupo observado: são pessoas que têm algo em comum porque há um interesse em produzir, revelar, relevar e objetivos conjuntos e estes são perseguidos por meio de um trabalho coletivo. Entretanto, a definição acima citada ainda fica muito aquém do sujeito da nossa pesquisa, limitando estreitamente o seu significado, fato que nos impulsionou a buscar novos subsídios para tentar estabelecer melhor um conceito de grupo mais adequado.

Uma definição do termo grupo, datada do início do século XX (formulada por Albion Small, um dos fundadores da Sociologia americana), é apresentada em Olmsted (1970) da seguinte forma:

O termo "grupo" é uma designação sociológica válida para qualquer número de pessoas, maior ou menor, as quais descobrem que têm relações entre si e que pensam em conjunto... um número de pessoas cujas relações mútuas são suficientemente expressivas para chamar a atenção (OLMSTED, 1970, p.11).

Entretanto, segundo este autor esta concepção de grupo não discrimina uma multidão, uma família, uma classe social ou um sindicato, pois para que isso ocorresse tornar-se-ia necessário atentar para as discussões internas de cada uma dessas organizações, diferenciando o termo "grupo" do termo "agregado". Situar pessoas ou coisas em categorias, classes, espécies ou tipos, baseando-se apenas em alguns aspectos comuns, tais como idade, sexo, religião ou filiação político-partidária, seria simplesmente "agregá-las" em determinado conjunto. Nesse sentido os indivíduos somente são colocados juntos, o que não significa necessariamente um grupo. Para que isso acontecesse seria necessário que os indivíduos tivessem consciência de seu companheirismo. A vizinhança física e um interesse comum são características observáveis tanto em um auditório quanto nos visitantes de um zoológico, o que não faz dessas pessoas integrantes de um grupo, já que não há interação entre elas. Desse modo, o autor conclui que

Um grupo, então, pode ser definido como uma pluralidade de indivíduos que estão em contato uns com os outros, que se consideram mutuamente e que estão conscientes de que têm algo significativamente importante em comum (OLMSTED, 1970, p. 12).

Concordamos com esse conceito, mas também compreendemos que no grupo de professores de Arte do CEMEPE ainda existe um "algo mais" a ser focado. Assim, encontramos uma definição para a palavra "equipe" como um "conjunto ou grupo de pessoas que se aplicam a uma tarefa trabalho" (SENAC.DN, 1976, p. 13), o que igualmente poderia agregar mais significado ao grupo por nós investigado. Nesta referência bibliográfica vimos que seria impossível o alcance de objetivos comuns sem que houvesse um sentido de equipe no interior de um grupo de trabalho ou organização social, pois as múltiplas tarefas e responsabilidades demandam a participação de todos. Para tanto, faz-se imprescindível o desenvolvimento de algumas qualidades na formação de uma equipe, tais como: união, coesão, entrosamento, sentido de coletividade e solidariedade; e que são exatamente as características mais visíveis e marcantes do grupo pesquisado.

A Azaléa sempre enfatiza a importância do grupo na sua profissão, pela troca de idéias, pela troca de experiências, pelas partilhas de vida mas, sobretudo, pelo calor humano que encontra. Nas suas palavras ela resume: "- Sempre saio daqui com muitas idéias e com muita vontade de trabalhar."

(Nota de Campo 13, de 03/07/06)

Tudo o que a gente lê, tudo que é trazido no grupo para as reuniões, tudo isso é importante, né? Isso contribui para a minha prática em sala de aula, para meu enriquecimento teórico e metodológico, mas esse aspecto de encontrar outras pessoas que acolhem aquele que chega, isso é o que torna o ambiente gostoso, e isso é um aspecto extremamente subjetivo, mas também muito significativo.

(Hortênsia – Reunião de 11/09/06)

Desse modo o grupo investigado, tal como o vimos, e também na visão de seus integrantes, vai se delineando como um espaço aconchegante, onde as pessoas mantêm relações significativas (o que não quer dizer que sejam isentas de conflitos e diferenças), ampliando e fortalecendo seus saberes docentes por meio da troca de informações e conhecimentos, idéias e sugestões, bem como da partilha de experiências, tudo isso permeado de ações e atitudes solidárias.

A Azaléa hoje comentou o quanto ela tem percebido ser gratificante o trabalho junto com as colegas, que tem aprendido muita coisa na formação continuada e se sentido cada vez mais uma parte importante do grupo. Eu acho muito legal ver todo o seu entusiasmo ao final das reuniões, pois ele também me abastece.

(Nota de Campo 10, de 03/04/06)

Eu era da Rede Particular e quando eu fui pra uma escola municipal e, mesmo sabendo que eu seria contratada e que depois eu não poderia voltar para a mesma escola, por me apaixonar pelos encontros [do grupo] eu resolvi pedir demissão da escola onde eu estava, a particular, com carteira assinada e tudo, sabendo que... eu até me emociono em falar isso, mesmo sabendo que eu não voltaria para a mesma escola, por essa questão [o grupo] eu sei que eu fiz a escolha certa. Eu sou uma professora contratada e eu quero persistir e continuar no grupo!

(Celeste – Entrevista coletiva de 11/04/07)

A professora Beloní vê o grupo de professores de Arte do CEMEPE como um espaço que não é fechado ao outro, e por ocasião de sua participação em uma das reuniões, como palestrante convidada, ela pôde enfatizar bastante isso, afirmando que:

O grupo a recebeu com grande receptividade, e que foi ali que ela começou a se questionar: "- Que grupo é esse que se encontra aqui?" Então ela se viu com uma professora estrangeira, sem companheiras para caminhar juntas na profissão, e foi exatamente a o companheirismo dos participantes do grupo, uns com os outros, que a seduziu.

(Nota de Campo 15, de 11/09/06)

A partir disso podemos afirmar que a *coesão* existente no grupo pesquisado se solidifica cada vez mais pela *amizade/acolhimento* que há entre seus integrantes, bem como na *solidariedade* de suas ações e na *alegria* que inunda o ambiente dos encontros.

Ao final da reunião, como de costume, muitas professoras ficam "papeando" sobre todo tipo de assunto. Geralmente a gente sai uns 15 ou 20 minutos depois do horário. É nessa hora que percebo com clareza a importância de se estar junto com o outro, e vejo que esse simples estar com um colega é um fator preponderante na manutenção do grupo.

(Nota de Campo 13, de 03/07/06)

Por ocasião da entrevista coletiva, os professores integrantes do grupo investigado puderam apresentar as suas percepções do mesmo, formulando suas próprias conceituações. Ao solicitarmos às professoras entrevistadas que resumissem em poucas palavras o grupo ao qual pertencem, nos deparamos, entre as suas falas, com as seguintes colocações:

Celeste: – Duas palavras: Obrigada e multiplicação!

Azaléa: – Diversidade, identidades, pensamentos, trocas, gratidão!

Rosa: – Relação de confiança! Segurança!

Hortênsia: – Uma palavra que eu acho que vem com a confiança é a cumplicidade.

Pink: – Todo mundo quer ajudar todo mundo! A realização de um é a realização do grupo!

Lavanda: – Se a gente soubesse... A gente tem muito pra oferecer!

Eucharis: – Confiança! Eu só tenho a agradecer!

Púrpura: – Eu sou a prova viva de que as idéias do pessoal da Arte que se encontra no CEMEPE, funciona e dá certo!

Orquídea: – O grupo é muito legal!

Violeta: – É bom, camarada! É bom, camarada! É bom, é bom, é bom!

Em Freire (1997) também encontramos uma definição bastante interessante acerca da vida de um grupo:

Vida de um grupo tem:

- Alegria, riso aberto, contentamento, folia, concentração.
- Medo, dor, o choro, conflito, perdição, desequilíbrio, hipótese falsa, pânico.
- Entendimento, diferenças, desentendimento, briga, busca, conforto.
- Silêncios, fala escondida, berro, fala oca, fria, fala mansa.
- Generosidade, escuta, olhar atento, pedido de colo.
- Ódio, decepção, raiva, recusa, desilusão.
- Amor, bem-querer, a gratidão, afago, gesto amigo de oferta .

[...] Vida de grupo dá muito trabalho e muito prazer. Porque eu não construo nada sozinho; tropeço a cada instante com os limites do outro e os meus próprios, na construção da vida, do conhecimento, da nossa história (FREIRE, 1997, p. 25-26)

Concordamos com a autora supramencionada e percebemos nas suas palavras uma síntese da vida do grupo investigado, pois elas aproximam-se bastante daquilo que diz respeito às dinâmicas observadas no decorrer da pesquisa.

E tecendo simultaneamente as tramas de nossa investigação, como pesquisadora e integrante da coletividade pesquisada, nós pudemos não apenas construir conhecimentos acerca de saberes e práticas docentes constituídos no e sobre o grupo de professores de Arte do CEMEPE, como igualmente permitir que o mesmo fizesse parte da nossa vida e construísse a nossa própria história.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAMINHO PERCORRIDO E ALGUMAS PROJEÇÕES: PALAVRAS FINAIS

Quem caminha sente saudade da meta,
mas não despreza percorrer
a estrada que ainda resta fazer.

Patrício Sciadini

Iniciamos o caminho da pesquisa a partir dos nossos questionamentos acerca dos saberes e práticas docentes constituídos no e sobre o grupo de professores de Arte do CEMEPE, intentando compreender quais as características, funções e modos de funcionamento (individuais e coletivos) que estão presentes neste grupo; quais são os saberes do grupo acerca de si mesmo, como este pensa, fala, sente e age em relação a si próprio e aos seus integrantes; quais os significados e sentidos que os professores do referido grupo produzem no seu espaço-tempo de encontros.

Nesse caminho por nós delineado e percorrido, mais do que produzir certezas, procuramos construir uma relação dialógica com os sujeitos da pesquisa – sempre aberta a outras possíveis interpretações e outros sentidos – e manter sempre vivo e alerta o desejo de indagar, de surpreender, de estranhar, de compreender, de educar o olhar e a escuta sensível.

Um dos pontos que podemos assinalar em relação a nossa investigação é que no grupo pesquisado existe uma profusão de informações, conhecimentos e saberes, que são viabilizados, produzidos e partilhados constantemente, inclusive iconograficamente, nas visualidades produzidas a partir dos projetos de ensino em Arte. No espaço-tempo das reuniões a troca de idéias, os relatos de experiência e as partilhas de vida são realizados em prol da construção de um conhecimento coletivo, constituindo e ampliando os saberes de todos, em grupo ou individualmente. Tal característica se evidencia nos trabalhos dos professores de Arte nas salas de aula, o que pode ser verificado tanto na elaboração e execução de seus projetos de ensino como na produção plástico-visual que deles é resultante.

O grupo de professores de Arte do CEMEPE possui uma trajetória de dedicação e empenho em prol do reconhecimento e consolidação de sua área de ensino na Rede Municipal, meta alcançada graças ao seu percurso histórico recheado de ações, estudos, momentos de resistência e produções. Na nossa investigação percebemos claramente o interesse desses professores pela busca do reconhecimento social de seu trabalho,

demonstrando inúmeras vezes o seu posicionamento frente ao jogo conflituoso e tácito que muitas vezes envolve as políticas públicas. Assim, movendo-se insistentemente entre as respostas individuais e coletivas, reforçando, em cada gesto ou atitude, a necessidade de se manter o espaço de ação e debate conquistado, o grupo investigado persiste na luta pela constante qualificação dos professores de Arte e pela defesa de melhores condições de trabalho. A esta característica nós demos o nome de *comprometimento*, que ligada a outras, como a *solidariedade* e a *coesão*, compõem o rol das qualidades apresentadas para o enfrentamento das situações de dificuldades e problemas de toda ordem: estruturais, financeiras, políticas, dentre outras. São principalmente esses os fatores que impedem os professores de Arte de recuar e/ou entregar os pontos, mas que ao contrário, fazem aumentar neles o desejo de aprender sempre, levando-os à prática de se reunirem cada vez mais, para discutir propostas e buscar soluções conjuntas.

Ao longo de seus dezessete anos de existência, algumas características do grupo de professores de Arte do CEMEPE foram se destacando e se tornando marcantes na sua identidade, bem como na de seus integrantes. Dentre elas destacamos a *alegria*, a *amizade/acolhimento* e a capacidade de *negociação*, indicadores por nós construídos e que nos ajudam a conhecer e a compreender o grupo pesquisado. Contamos também com o conceito de *Subjetividade*, a partir de González Rey (2002,2005), no estudo desse sistema complexo que é o referido grupo, com suas diferentes configurações e dinâmicas, com suas limitações e peculiaridades, bem como nos diversos modos de participação existentes.

Trabalhamos também com os conceitos de *Informação*, *Conhecimento* e *Saber* por meio de Charlot (2000), Morin (2002), Burke (2003) e Fonseca (2005) – e algumas categorizações dos saberes – a partir de Barth (1996), Pimenta (2002), Tardif (2000, 2002), Nunes (2001) e Tardif e outros (1991, 2000, 2005).

Optamos por uma Abordagem Qualitativa de pesquisa, fundamentada no caráter construtivo-interpretativo do conhecimento, tecido por meio da interação entre pesquisadora e sujeitos da pesquisa. Sobre os aspectos epistemológicos e metodológicos da pesquisa, tomamos por base autores como Chalmers (1993), André (1996, 2003), Moraes (2001), Santos (2002), González Rey (2002) e Gauthier (2004), dentre outros.

A dinâmica da observação participativa durante os encontros do grupo pesquisado, agregado à construção das notas de campo, à gravação das reuniões, à análise documental e à entrevista coletiva, produziu o caminho deste estudo, fornecendo o material necessário para a sua realização. A escolha dos instrumentos para a construção dos dados apóia-se

principalmente em Geertz (1978), Ezpeleta & Rockwell (1989), Bogdan & Biklen (1994), Souza & Kramer (1996), Barbier (2002), Szymanski (2002) e Vianna (2003).

A fundamentação teórica acerca de grupos acontece principalmente por meio de Olmsted (1970), Senac.D.N. (1996), Freire (1997), De Masi (1999) e Laplane (2000), mas outros autores também são consultados⁴⁸. No que tange os assuntos referentes às áreas da Arte e da Educação pesquisamos diversos autores, ampliando o nosso referencial teórico.

Ao final deste estudo, compreendemos que os saberes e práticas docentes dos professores de Arte que se reúnem no CEMEPE foram se constituindo na heterogeneidade das situações vividas individualmente por seus integrantes, na sua práxis cotidiana, bem como na partilha das situações que expressavam interesses, vontades, valores e sentimentos diversos, proporcionando a reflexão da ação docente em suas múltiplas dimensões e a construção de um espaço-tempo coletivo de (re)elaboração e (re)significação de experiências comuns e singulares.

Portanto, revendo as indagações iniciais da pesquisa, bem como seu objetivo geral, acreditamos que este trabalho terá cumprido sua finalidade se puder contribuir, ainda que modestamente, para caracterizar um espaço, um tempo, uma dinâmica de encontros, onde se fala, mobiliza, (re)estrutura e (re)constrói saberes: o grupo de professores de Arte do CEMEPE; principalmente atentando para e respeitando-se as suas experiências, seus conhecimentos, suas concepções sobre o ensinar e o aprender, seus tempos e espaços formativos, sua história e singularidade.

Sabemos que ainda há caminhos por percorrer a partir deste estudo, até mesmo visando o aprofundamento do tema – os grupos sociais: conceitos, estudos e categorizações – ou de algumas questões abordadas, como, por exemplo, os modos de interação presentes no silêncio, seus significados e sentidos; e as formas de liderança e suas influências nos grupos de estudo. Um outro percurso possível seria o de investigar o valor do *Coletivo* na contemporaneidade.

Enfim, pensamos que seria oportuno chegar ao termo das argumentações expostas com uma citação de Fontana (2000), pois, no nosso entendimento, essa autora retrata de maneira clara e concisa o sujeito de nossa investigação – o grupo e seus integrantes.

O sujeito não é apenas racional, ele se apresenta/ é apresentado como um interminável processo de constituição: aceita/ resiste, significa/ re-significa, assume/ questiona as categorias e teorias de seu tempo, acata sua condição/

⁴⁸ REBOREDO, 1995; OSORIO, 2000; OLIVEIRA JR, 2002.

anuncia e defende a busca de outros modos de ser e de viver a sua condição, elabora-se/ re-elabora-se. Faz história: como memória e projeto (FONTANA, 2000. p. 49-50).

Nesse momento, optamos por interromper este estudo sem, contudo, limitá-lo a uma conclusão. Interromper sim, visto que este vocábulo é o que melhor define o ponto em que chegamos, pois segundo Ferreira (2000) ele significa “fazer parar, ou deixar de fazer por algum tempo; fazer cessar; cortar o discurso”. Assim, a nossa interrupção, conforme assinalamos, poderá possibilitar a repercussão de um pensamento que nos impulsionou durante toda a nossa jornada e que ainda nos incentiva a seguir em frente com firmeza e determinação:

*Venham para a beira, disse ele.
Eles disseram: temos medo.
Venham para a beira, disse ele.
Eles foram. Ele os empurrou...
e eles voaram.*

Guillaume Apollinaire

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli. E. D. A. O papel da pesquisa na formação do professor. In: REALI, A. M. M. R.; MIZUKAMI, M. G. N. (Org.) **Formação de professores: tendências atuais**. São Carlos: EdUFSCar, 1996, p. 95-105.

_____. **Etnografia da prática escolar**. 9 ed. Campinas: Papirus, 2003. (Série Prática Pedagógica)

_____. **Etnografia da prática escolar**. 9 ed. Campinas: Papirus, 2003. (Série Prática Pedagógica)

ARDOINO, Jacques. A complexidade. In: MORIN, Edgar. **A religação dos saberes**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p. 548-558.

BARBOSA, Ana Mae. **Teoria e Prática da Educação Artística**. São Paulo: Cultrix, 1975.

_____. **A imagem no Ensino de Arte**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

_____. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: C/ Arte, 1998. (Coleção Arte e Ensino)

_____. **John Dewey e o ensino da arte no Brasil**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2002 a.

_____. (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002 b.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Trad. Lucie Didio. Brasília: Plano Editora, 2002.

BARTH, Britt-Mari. O que é o saber? In: _____. **O saber em construção: para uma pedagogia da compreensão**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. p.59-92.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação**. Uma introdução à teoria e aos métodos. Trad. Maria João Alvarez e outros. Porto: Porto Editora, 1994.

BRAGA, Beloní Cacique. **Meus dias, nossos dias... o desvelar das linhas: constituição de saberes de professores de arte**. 2005. 104 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

BUENO, Francisco da Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. Ed. rev. e atual. por Helena Bonito C. Pereira, Rena Signer. São Paulo: FTD: LISA, 1996.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003. p. 11-24; p. 159-175.

CHALMERS, A. F. **O que é Ciência, afinal?** São Paulo: Brasiliense, 1993. p.17-63.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CINTI, Patrizia; LUPI, Susanna. Uma cooperativa científica: O instituto Pasteur de Paris. In: DE MASI, Domenico (Org.). **A emoção e a regra: os grupos criativos na Europa de 1850 a 1950**. Trad. Elia Ferreira Edel. 7 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999. p. 103-130.

DAVINI, Juliana. Movimentos da grupalidade. In: FREIRE, Madalena et al. **Grupo. Indivíduo, saber e parceria: malhas do conhecimento**. 2 ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1997. p. 44-48.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: _____. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1995. v. 1. p. 11-37.

DE MASI, Domenico (Org.). **A emoção e a regra: os grupos criativos na Europa de 1850 a 1950**. Trad. Elia Ferreira Edel. 7 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

_____. Uma equipe de cientistas: Enrico Fermi e o grupo da rua Panisperna. In: DE MASI, Domenico (Org.). **A emoção e a regra: os grupos criativos na Europa de 1850 a 1950**. Trad. Elia Ferreira Edel. 7 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999, p. 283-302.

DE MASI, Domenico; MENICONI, Masimo. Uma cooperativa de artistas e artesões: A genialidade politécnica da Wiener Werkstätte. In: DE MASI, Domenico (Org.). **A emoção e a regra: os grupos criativos na Europa de 1850 a 1950**. Trad. Elia Ferreira Edel. 7 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999, 171-203.

ESTEBAN, Maria Teresa. Dilemas para uma pesquisadora com o cotidiano. In: GARCIA, Regina Leite (Org.). **Método: Pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 199-212.

EZPELETA, Justa; ROCKWELL, Elsie. **Pesquisa Participante**. 2 ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989. (Coleção Educação Contemporânea)

FASHEH, Munir. Como erradicar o analfabetismo sem erradicar os analfabetos? **Revista Brasileira de Educação**. Anped, Campinas, n. 26, p.157-169, mai/jun/jul/ago. 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Miniaurélio Século XXI: O minidicionário da língua portuguesa. Coord. de edição, Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira; lexicografia, Margarida dos Anjos... [et al.]. 4. ed. rev. Ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio M. Os lugares da Psicologia. In: **Revisitando as Psicologias: da epistemologia à ética nas práticas e discursos psicológicos**. São Paulo: EDUC; Petrópolis: Vozes, 1995. p. 13-33.

FONSECA, Cláudia. Quando cada caso NÃO é um caso: Pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**. Anped, Campinas, n.10, p.58-78, jan/fev/mar/abr. 1999.

FONSECA, Selva Guimarães. Saberes da experiência, histórias de vida e formação docente. In: CICILLINI, G. A.; NOGUEIRA, S. V. (Org.). **Educação escolar: políticas, saberes e práticas pedagógicas**. Uberlândia: EDUFU, 2002. p. 85-102.

_____. **A pluralidade de conhecimentos, saberes sociais e saberes escolares.** Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2005. Transparências.

FONTANA, Roseli A. Cação. **Como nos tornamos professoras?** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FOUCAULT, Michel. As regularidades discursivas. In: _____. **A Arqueologia do Saber.** 3 ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987. p.21-85.

FRANGE, Lucimar Bello Pereira. Apresentação. In: TINOCO, E. F. V. (Org.). **Possibilidades e Encantamentos: Trajetória de professores no Ensino de Arte.** Uberlândia: E.F.Tinoco, 2003. p.13-14.

FREIRE, Madalena at al. **Grupo. Indivíduo, saber e parceria:** malhas do conhecimento. 2 ed. São Paulo. Espaço Pedagógico, 1997. (Série Seminários)

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** Trad. Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. 15 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. (Serie Educação e Comunicação; v.1)

_____. **Pedagogia do Oprimido.** 25 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GATTI, Bernardete A. Formação continuada de professores: a questão psicossocial. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 119, p. 191-204, julho 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742003000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 Ago 2006.

GAUTHIER, Jacques Zanidê. A questão da metáfora, da referência e do sentido em pesquisas qualitativas: o aporte da sociopoética. **Revista Brasileira de Educação.** Anped, Campinas, n. 25, p.127-142, jan/fev/mar/abr. 2004.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. O impacto do conceito de cultura sobre o conceito de homem. Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa. In: **A interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. p. 13-55, 279-321.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Pesquisa Qualitativa em Psicologia:** caminhos e desafios. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

_____. A questão das técnicas e os métodos na psicologia: da medição à construção do conhecimento psicológico. In: BOCK, A. M. B. (Org.). **Psicologia e o compromisso social.** São Paulo: Cortez, 2003. p. 163-182.

_____. **Pesquisa qualitativa e subjetividade:** os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GORI, Emma. Um lobby pacifista e elitista: O Grupo de Bloomsbury. In: DE MASI, Domenico (Org.). **A emoção e a regra:** os grupos criativos na Europa de 1850 a 1950. Trad. Elia Ferreira Edel. 7 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999. p. 131-170.

HARTMANN, Atílio; SCHNEIDER, Roque. **As flores do caminho.** 14 ed. São Paulo: Paulinas, 1973.

LAPLANE, Adriana Lia Friszman de. **Interação e silêncio na sala de aula**. Ijuí: Ed. INIJUI, 2000. (Coleção Educação).

LEÃO, Eliana. **História e representações sociais**: O Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais “Julieta Diniz” – CEMEPE na visão dos educadores da Rede Municipal de Ensino de Uberlândia: (1991-2000). 2005. 188f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli M. E. D. A. Métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. In: _____. **Pesquisa em Educação**: Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 1986. p. 25-44. (Temas básicos de educação e ensino)

MACÊDO, Cesária Alice. **História do ensino de arte**: uma experiência na educação municipal de Uberlândia (1990-2000). 2003. 157f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

MARTINS, João Batista. Contribuições epistemológicas da abordagem multirreferencial para a compreensão dos fenômenos educacionais. **Revista Brasileira de Educação**. Anped, Campinas, n. 26, p. 85-94, mai/jun/jul/ago. 2004.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. 7 ed. Campinas: Papirus, 2001. (Coleção Práxis)

MORIN, Edgar. Os desafios da complexidade. In: _____. **A religação dos saberes**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p. 559-567.

NUNES, CÉLIA MARIA FERNANDES. Saberes docentes e formação de professores: um breve panorama da pesquisa brasileira. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 22, n. 74, p.27-42, abril 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302001000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 Dez 2006.

OLIVEIRA JR, Jair Franklin (Org.). **Grupo de reflexão no Brasil**: grupos e educação. Taubaté, SP: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2002.

OLMSTED, Michael Seymour. **O pequeno grupo social**. Trad. Maria Ignez Guerra Molina e Célia Maria M. Fávero de Fravet. São Paulo: Herder: Editora da Universidade de São Paulo, 1970.

OSORIO, Luiz Carlos. **Grupos: teorias e práticas**: acessando a era da grupalidade. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: _____. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 15-34. (Coleção Saberes da docência)

REBOREDO, Lucília Augusta. **De Eu e Tu a nós**: o grupo em movimento como espaço de transformação das relações sociais. 2 ed. Piracicaba: Unimep, 1995.

ROCKWEEL, Elsie. Etnografia e teoria na pesquisa educacional. In: EZPELETA, Justa; ROCKWELL, Elsie. **Pesquisa Participante**. 2 ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989. (Coleção Educação Contemporânea) p. 31-54.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2002. (v 1.: A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência.)

SCIADINI, Patrício. (Org.). **O caminho das pequenas coisas**. São Paulo: Cidade Nova, 1986.

SENAC. DN. **Negociação para o trabalho em equipe**. Rio de Janeiro: SENAC/CN/CFP, 1996.

SILVEIRA, Teresa Cristina Melo da. A casa é sua pode entrar. In: TINOCO, E. F. V. (Org.). **Possibilidades e Encantamentos: Trajetória de professores no Ensino de Arte**. Uberlândia: E.F.Tinoco, 2003. p. 71-80

SOUSA, Márcia Maria. **Leitura de imagens na sala de aula: relações entre saberes, práticas de professores de arte e grupos de estudos**. 2006. 253f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

SOUZA, Solange Jobim; KRAMER, Sônia. Experiência humana, história de vida e pesquisa: um estudo da narrativa, leitura e escrita de professores. In: KRAMER, S.; SOUZA, S. J. (Org.). **Histórias de Professores: Leitura, escrita e pesquisa em educação**. São Paulo: Ática, 1996. p. 13-43

SZYMANSKI, Heloisa. (Org.). **A entrevista na pesquisa em Educação: a prática reflexiva**. Brasília: Plano Editora, 2002.

TARDIF, Maurice. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & Sociedade**. Ano XXI, n. 73, p. 209-244, 2000.

_____. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude; LAHAYLE, Louise. Os professores face ao saber: esboço de uma problemática do saber docente. **Teoria & Educação**. Porto Alegre, v.4, p. 215-234, 1991.

TARDIF, Maurice; RAYMOND, Danielle. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 21, n. 73, 2000.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis: Vozes, 2005.

TINOCO, E. F. V. (Org.). **Possibilidades e Encantamentos: Trajetória de professores no Ensino de Arte**. Uberlândia: E.F.Tinoco, 2003.

UBERLÂNDIA. Secretaria Municipal de Educação. **Projeto de Arte-Educação**. 1992.

UBERLÂNDIA. Secretaria Municipal de Educação. Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais. **Diretrizes Curriculares para o Ensino de Arte**. 2003.

VIANNA, Heraldo Marelim. **Pesquisa em Educação: a observação**. Brasília: Plano editora, 2003. (Série Pesquisa em Educação, v. 5)

VISUALIDADES, 2004, Processos e Reflexões no Ensino de Arte, Uberlândia. **Mostra do Processo de trabalho de professores da Rede Municipal de Uberlândia**. Uberlândia: Coordenação da área de Arte do CEMEPE. Convite de exposição.

VISUALIDADES, 2, 2005, Processos e Reflexões no Ensino de Arte, Uberlândia. **Mostra do Processo de trabalho de professores da Rede Municipal de Uberlândia**. Uberlândia: Coordenação da área de Arte do CEMEPE. Convite de exposição.

VISUALIDADES, 3, 2006, Processos e Reflexões no Ensino de Arte, Uberlândia. **Mostra do Processo de trabalho de professores da Rede Municipal de Uberlândia**. Uberlândia: Coordenação da área de Arte do CEMEPE. Convite de exposição.

ENDEREÇOS ELETRÔNICOS:

- < <http://bienalsaopaulo.globo.com/>>. Acesso em: 16 out. 2006.
- <<http://www.artenaescola.org.br/premio.php>>. Acesso em: 16 out. 2006.
- <http://www.institutokairos.org/Principal/principal_1.htm>. Acesso em: 16 out. 2006.

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista coletiva

Roteiro da entrevista coletiva realizada em 11/04/07, no CEMEPE, às 19:00 h

As proposições partiram das seguintes questões:

- O que lhe motiva a vir para o grupo de professores de Arte do CEMEPE?
- Como você avalia o trabalho realizado no grupo?
- Você poderia destacar alguns pontos positivos e/ou negativos do grupo? Quais?
- Se você tivesse que mandar um recado para o grupo de professores de Arte do CEMEPE, qual seria?
- Resuma em poucas palavras o que o grupo significa para você.

APÊNDICE B – Nota de Campo 03

Reunião de 11/08/05 – CEMEPE – SALA 30 – 7:30 às 11:30

Hoje, ao chegar, estavam apenas três pessoas no auditório do CEMEPE (a **Rosa**, a **Azaléa** e a **Carmim**). A **Violeta** chegou em seguida contando o imprevisto que sofreu logo cedo, e relatou como enfiou o pé no barro da construção da sua casa e o motivo de ter que vir de sandália hoje, mesmo fazendo tanto frio. Todo mundo riu. Ela é muito divertida e espontânea, faz a alegria geral do grupo.

A Aninha Duarte⁴⁹ chega, ela é a convidada de hoje. Ela ficou preocupada em ver pessoas do NUPEA no grupo, pois tais pessoas já haviam visto sua apresentação antes, mas eu, a **Rosa** e a **Violeta** contamos para ela que são poucas as pessoas do CEMEPE que freqüentam o NUPEA.

Gradativamente as pessoas vão chegando: a **Branca**, a **Amarílis**, a **Açucena**, a **Hortênsia**, e outras componentes do grupo. Algumas, mais chegadas a mim, vêm e me abraçam, outras só falam bom dia e sorri. Percebo que não sei o nome de todas as colegas. Há pelo menos três, entre as doze que estão na sala, que não conheço muito bem.

A coordenadora repassa as informações enquanto se tenta resolver o problema com o data-show, que não quer funcionar.

O primeiro informe é um convite para um vídeo-debate com o Prof. Guido⁵⁰ na E.M. Prof. Ladário Teixeira. Depois vieram as informações acerca da viagem para Brodósqui-SP, aonde os professores do grupo de Arte irão junto com os de História, ver *in loco* as obras, a casa, a história de Portinari. A grande notícia é que conseguimos o ônibus de graça, e a viagem ficará a um preço bem acessível com despesas apenas para a alimentação.

Nesse momento os repasses foram interrompidos para que um funcionário do CEMEPE mexesse no data-show para ver qual o defeito. As pessoas falam bem baixinho nesse ínterim, e eu escuto a **Violeta** e a Hortênsia falando sobre a viagem animadamente.

Retomando os informes, fomos avisadas do afastamento da Elsiene⁵¹ como assessora da UFU no grupo. A coordenadora diz que passou o final de semana todo em conflito, pensando como resolver o caso. A **Hortênsia** diz brincando em tom de ironia que só ela é que teve conflito, e ri. A coordenadora diz que além de não trabalhar no que ela precisava ainda atrapalhou as colegas que estavam trabalhando, e olha pra mim com um sorriso sem graça, mas de brincadeira (isso porque nós duas temos muitos trabalhos do Mestrado para fazer: leituras, textos, pesquisas). Ela diz para o grupo que ligou pra mim, pra **Hortênsia**, pra a **Vanilla** e algumas outras pessoas que ela tem mais convivência, em busca de uma sugestão para a falta da Elsiene. A **Violeta** também se propôs a ajudar.

A coordenadora lê a carta de despedida que a Elsiene enviou ao grupo. Foi uma carta muito bonita.

Depois disso ela passou para a explicação da exposição que se realizará nas escolas no final do ano, na Mostra *Visualidades II*.

⁴⁹ Aninha Duarte é professora de Pintura, Desenho e Introdução à Crítica de Arte do Departamento de Artes Visuais – DEART da Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

⁵⁰ O professor Humberto Aparecido de Oliveira Guido é professor de Epistemologia no Programa de Mestrado da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, onde eu e mais duas colegas do grupo estudamos.

⁵¹ Elsiene Coelho Silva é professora efetiva na área de formação de professores de Artes Visuais do Departamento de Artes Visuais – DEART da Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

A **Violeta** também dá algumas informações acerca do 5º. *Encontro de Reflexões e Ações no Ensino de Arte*. Ela é muito engraçada até para falar de coisas sérias. Ao se referir ao professor de Teatro que irá ministrar uma oficina nesse evento, ela imita a sua voz e o jeito diferente dele falar. Todos acham graça, é claro!

Hortênsia também faz alguns repasses relacionados ao Pólo UFU da Rede Arte na Escola.

Violeta avisa da defesa de Mestrado da Eliana Leão, enfocando que a sua pesquisa é sobre a história do CEMEPE⁵².

A **Pink** chegou e eu não a vi, só agora que ela fez um comentário é que eu a percebi na sala.

Observo que os informes repassados são também coletivos, sempre há alguém intervindo para acrescentar algo à informação do outro ou mesmo fazendo comentários engraçados e chistes. Por exemplo, ao falar sobre a defesa da Eliana Leão, a **Violeta** esqueceu a palavra “dissertação”, ficou patinando nas palavras e pediu ajuda para se lembrar. Nessa hora fui eu quem a ajudei. Depois ela disse que seria importante as pessoas do grupo comparecerem na defesa, já que a sua pesquisa é sobre a história do CEMEPE, principalmente enfocando a política. Então a **Pink** acrescenta: “— Sei não, talvez seja bom nem saber....” E só se ouve os risos...

Às 8:15 Aninha Duarte começa a sua apresentação⁵³ fazendo uma pergunta ao grupo: “— O que é imagem?”

Foi a **Violeta** quem respondeu, depois que se instalou um silêncio incômodo. Ela é muito espontânea e natural. Ri das próprias falas e parece não se importar com julgamentos (parece que isso nem lhe passa pela cabeça). Ela não tem medo de se expor, não tem medo de errar.

Aninha Duarte lê um texto que está escrevendo (ainda está incompleto), sobre a imagem. Embora o texto não tenha sido finalizado ele é muito bem elaborado e denso nos conceitos e referências.

Nesse momento vejo que o grupo (agora com 22 pessoas presentes) está bastante atento, cada um a seu modo. Algumas pessoas fazem anotações sobre a fala da Aninha, outras fazem “desenhinhos” na beirada da folha (**Açucena**), mas percebo que todas estão atentas.

Violeta e **Hortênsia** riem quando Aninha Duarte fala de sua opção acerca da imagem escolhida, na verdade Aninha faz um chiste, mas só elas, eu, **Vanilla** e mais outras duas professoras rimos. Apenas nós, que freqüentamos as reuniões do NUPEA, parecemos ter entendido.

Aninha parece se sentir mais a vontade com a presença de algumas pessoas do NUPEA, principalmente com a **Hortênsia** e a **Violeta**, que vão perguntando e intervindo de quando em quando. Mas eu percebo que sua intervenção se dá mais para clarear as idéias para o grupo acerca do que é apresentado do que para benéfico delas próprias.

Hortênsia, **Violeta** e eu fazemos com tranquilidade algumas interferências na fala da Aninha, e geralmente numa linguagem cheia de chistes e brincadeiras.

A **Hortênsia** a todo instante parece adivinhar a palavra que a Aninha vai usar e nesse momento, a **Violeta** fala que isso está parecendo com as músicas do Pe. Marcelo Rossi, ele fala e o outro repete: “— Vamos lá gente!” E mais uma vez todo mundo ri.

Em determinado momento a **Hortênsia** oferece o primeiro capítulo da Dissertação que está escrevendo para ajudar a Aninha a entender determinado assunto. Essa é bem uma característica marcante de sua personalidade, ela está sempre disposta a ajudar as colegas no que for preciso, e é sempre muito prestativa com todas. Tenho aprendido muito com ela.

⁵² Cf. Leão (2005).

⁵³ Cujo tema é “Introdução à Crítica de Arte – Semiótica”.

Certa hora, **Hortênsia** usa o termo “hegemônico” para falar do olhar, mas faz um sinal corporal como se estivesse pedindo desculpas ao grupo por usar tal palavra, com a preocupação de não parecer pedante e de se fazer entender.

O apagar e o acender da luz (para ver a apresentação do data-show e para Aninha pegar seu ponto de laser na bolsa) vira motivo de piadinhas e brincadeiras no grupo. Na verdade tudo aqui parece ser motivo de alegria, de chistes e de risadinhas. Percebo que as minhas próprias falas no grupo também são recheadas disso, fato que me impressionou, pois eu nunca havia percebido isso antes.

Enquanto a sala estava às escuras eu disse “chorosa” que merecia uma luminária de pé ao meu lado, para não ter que deixar a porta entreaberta permitindo apenas uma pequena fresta de luz entrar. Imediatamente a **Pink** “choraminga” ao meu lado e pede para dividir a fresta de luz comigo, pois ela também faz algumas anotações.

Em determinado momento, eu e **Pink** tivemos uma dúvida sobre o que era dito. Não sabíamos se o que estava sendo apresentado nos slides era uma só pintura ou uma pintura e uma cópia, mas não falamos nada. Foi a **Violeta** quem perguntou e tirou nossa dúvida. Isso é muito comum no grupo. Às vezes parece que temos os mesmos questionamentos simultaneamente, às vezes parece que algumas de nós vão ao socorro umas das outras, numa cumplicidade tácita e invisível. Mas isso não ocorre com todos os componentes do grupo, é claro. Há um pequeno grupo, dentro do grupo maior, onde há uma interação mais profunda. Nem sei se isso se dá pelos laços da antiga amizade que nos une, pois há outros membros do grupo também antigos e também amigos que não demonstram o mesmo comprometimento.

Às 8: 40 h. percebo que o grupo todo é bem atento à fala da Aninha. Há muito silêncio, numa demonstração de consideração por ela e pelo que ela diz.

Às 8:45 h. vejo que ainda estão chegando pessoas para a reunião. São duas, mas não as identifico no escuro. Contudo entram sem tumultuar a apresentação.

Hortênsia faz uma interferência para compreender melhor o que foi exposto e busca o sinônimo de uma palavra que foi dita pela Aninha para clarear o seu entendimento, mas percebo que está clareando também (ou quiçá propositadamente) o assunto para todo o grupo.

O data-show dá problemas de novo e isso também é motivo de risadas e brincadeiras.

Acho difícil fazer as minhas anotações e ao mesmo tempo escrever algo daquilo que é exposto. Eu ainda estou me adaptando ao registro simultâneo dos eventos dentro do grupo. A minha sorte é que a Aninha vai disponibilizar os slides de sua apresentação pra nós depois. O fato de eu ser uma pesquisadora dentro do grupo e uma de suas participantes ainda me tonteia um pouco, mas acho que tudo é uma questão de tempo e de adaptação.

Nesse momento, percebi que as pessoas se sentam com uma proximidade a partir das suas afinidades, o que é muito natural. **Violeta** ao lado da **Hortênsia**, eu com **Vanilla** e a **Pink** que se levanta de um outro lugar e também vem pra cá (bem sei que não é só por causa da fresta de luz). O restante do grupo não sei definir muito bem, nem perceber se as pessoas estão juntas por afinidade ou por comodidade para ver a apresentação. Também algumas delas, que chegaram mais atrasadas, se sentaram nos lugares que restavam vagos, sem muita opção de escolha. Percebo que há um *subgrupo*⁵⁴ que realmente têm uma proximidade diferente, inclusive física no espaço da sala.

⁵⁴ Eu chamo aqui de *subgrupo* àquelas pessoas que “agarram nos chifres do boi” e fazem o grupo de Arte do CEMEPE “acontecer”. A maioria dessas pessoas está aqui desde o começo, mas também há outras que vieram depois com a mesma “garra”, para compor o grupo de uma forma bastante ativa. Eu penso que esse pequeno grupo é o que muitas vezes tem sustentado o grupo maior, representando-o em várias ocasiões: nas diversas lutas travadas em prol de seu reconhecimento e valorização e/ou assumindo responsabilidades visando a sua manutenção e desenvolvimento. O prefixo *sub* neste caso não tem uma conotação de inferioridade ou insuficiência, mas, ao contrário, eu utilizo esse prefixo para significar o alicerce, as bases de sustentação, os fundamentos dessa “construção” maior que é o grupo.

A **Hortênsia** é sempre aquela que ajuda com o data-show. Do grupo ela é a que parece ter mais afinidade com os equipamentos eletro-eletrônicos.

A coordenadora, que esteve ausente no início da apresentação até agora a pouco, ao retornar, primeiro mexe com vários papéis para depois de organizá-los se mostrar mais atenta. O “serviço” burocrático muitas vezes atrapalha.

Aninha, em determinado momento, faz alusão a algo que a **Hortênsia** já conhecia e esta faz um comentário também, mas o restante do grupo ficou sem entender muito bem do que se tratava.

Aninha também se refere a mim na leitura do seu texto. Ao falar a palavra “descarnar” ela faz alusão ao meu Ensaio Crítico sobre a obra *O Touro* de Tarsila do Amaral⁵⁵. Acho que o grupo todo igualmente não teve o alcance do sentido daquilo que falávamos, somente as pessoas que conhecem esse meu trabalho.

Aninha faz uma pausa para perguntar sobre o intervalo e aproveita para falar: “- Vocês podem me interromper, perguntar, acrescentar... Por que de manhã, no escuro, com frio é difícil...(risos)

Hortênsia: “— Você é que não sabe, mas todo mundo já dormiu”... (risos)

Eu completo: “— Ah, não, **Violeta**. Não entrega não!” (risos)

Percebo que realmente o grupo é muito bem humorado. Cada fala, cada colocação é permeada de um tom brincalhão, irônico, cômico.

A **Pink** me fala baixinho que lembrou do teatro que fomos assistir por ocasião do Congresso Regional do Pólo UEMG⁵⁶ do Arte na Escola, em Patos de Minas. Lá várias colegas, inclusive ela, dormiram durante a encenação e não viram nada. Ao final da peça, quando houve um barulho alto de uma bombinha explodindo no palco é que elas acordaram assustadas, sem entender o que estava acontecendo. Foi muito hilário.

Um dos costumeiros chistes do grupo é chamar a coordenadora de “coordenatriz”, mas ela leva numa boa e dá muitas risadas também.

A **Carmim** aproveita certa pausa da palestrante e faz uma pergunta, mostrando discordar do que foi dito. Esta responde minuciosamente e com explícita atenção. **Hortênsia** intervém na sua resposta com contribuições importantes. **Violeta** vai jogando algumas palavras completando o que ela fala, ajudando-a na elaboração do pensamento. Ao final todos ficam satisfeitos e com uma compreensão ampliada do assunto.

Conforme anotei no cabeçalho, estamos na sala 30, no auditório do CEMEPE. O barulho da rodovia é grande lá fora, mas não se pode fechar a porta porque precisamos de um facho de luz para escrever.

Hoje está bem frio, mas a sala está quentinha, já que o ar condicionado está desligado, e como esta sala não tem janelas esse fator torna mais quente o ambiente, que é carpetado do chão às paredes. Ainda bem que a porta está aberta, pois como tenho me mostrado ultimamente claustrofóbica, sinto-me menos mal. A luz é uma “desculpa necessária” a mais para não lacrar o ambiente, com todo mundo respirando o mesmo ar.

Aninha na sua colocação fala sobre a imagem, dizendo: “— (...) O Cristo tem aura, é do bem, pererê pererê, pererê...”, e nesse momento a **Vanilla** brinca: “- Esse pererê pererê aí é que pega!”... (risos)

Aninha mostra o ponto de laser na beirada da tela para a **Hortênsia** mudar o slide, esse é um código combinado entre elas desde o início da apresentação, para se evitar ficar falando o costumeiro “pode passar”, a todo instante. Mas certo momento, a **Hortênsia** não vê o sinal e não passa o slide, e fica comentando algo com **Violeta**. A Aninha nessa hora diz brincando:

⁵⁵ (Des) Carneando *O Touro* de Tarsila do Amaral: um Ensaio Crítico permeado de alegorias e sons, de 2005.

⁵⁶ Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG/ Centro Universitário de Patos de Minas – UNIPAM

“— Ô passadeira de slide, você fica conversando aí e não passa o slide, né?” E todo mundo ri. A **Violeta**, que é o motivo da distração da **Hortênsia**, a “entrega” para todo o grupo, dizendo: “— A **Hortênsia** não está mais aqui não, ela já está lá na novela!”

Aninha, aproveitando o assunto da sua apresentação naquele momento, diz: “— Então fala da alegoria que você está comentando com a **Violeta** pra todo o grupo.”

Hortênsia: “As duas irmãs da novela das sete, Adenilde e a outra que esqueci o nome, parecem as irmãs da Cinderela”.... (risos). Aninha, que costuma ser tão séria, e todo o grupo caem na risada. E foi só falar na novela que as conversinhas paralelas começaram....

Vanilla fala pra mim sobre o que é exposto na apresentação: “— Ai, Teca, estou tão perdida!” E a **Pink** logo atravessa e diz: “— Ah, então se você se achar me busca, ta?” (E de novo, mais risos...)

A coordenadora libera o grupo para o intervalo, mas o povo não sai, fica conversando uns com os outros na sala. Ouvem-se muitos risos. O grupo está bastante animado e alegre.

Após o intervalo, Aninha apresenta algo sobre leitura de imagem (modos de entrada para leitura da imagem), introdução à crítica de arte e Semiótica: Método Formal, Iconológico e Estruturalista.

Vanilla ajuda a Aninha usando um sinônimo da palavra que ela disse, que significa situar-se para falar sobre a memorização de slides mentais e com isso facilitar o entendimento do que é exposto. Eu não entendi nada, será que o grupo entendeu?

Às 10:30 me dou conta de que já inteirou o 4º. celular que toca, entretanto isso parece não incomodar nem dispersar o grupo.

Sobre a leitura da imagem da ceia do artista André Castano, a **Vanilla** diz: “— É uma pós ceia, pois já comeram tudo!”

Pink: “— Mesa farta, cheia, é da nossa cultura mineira”.

Aninha: “— Será uma pós-ceia ou uma pré-ceia”.

Hortênsia: “— Só tem onze, e Jesus? Falta um.

Aninha mostra na imagem: “— Aqui, deitado no peito de Jesus, tem uma pessoa, **Hortênsia!**”

Violeta diz: “— Então é pós-ceia, pois ele já bebeu até cair”. (risos)

Depois disso a **Vanilla** faz um comentário, referindo-se ao ponto de laser para passar os slides: “— Sabe, esse código de luz tá legal demais”. ... (risos)

Hortênsia e **Violeta** interferem na apresentação falando sobre os ensaios críticos feitos no NUPEA, sobre as imagens escolhidas. A **Hortênsia** analisou uma de Vick Muniz.

Ao ouvir isso, eu falo com a **Vanilla** e a **Pink**, fazendo uma brincadeira sobre a obra *Ceia de Chocolate*, de Vick Muniz: “— A parte branca do forro da mesa na imagem do Vick Muniz é a lambida que ele deu.” (Novamente risos)

Hortênsia contribui muito com a apresentação da Aninha, falando vez ou outra. A **Rosa** também.

Nesse momento eu conto que já completou seis celulares tocando no dia de hoje. Mas as pessoas ignoram isso totalmente. De fato isso não incomoda mesmo.

Prestando atenção nisso eu quase não percebo a **Violeta** dando alguns exemplos de professoras que trabalham bem o processo de criação dos alunos, e ela cita a **Vanilla**, que realmente faz isso com maestria, e me surpreende ao citar também o meu nome e o meu trabalho. Com isso eu me apercebo do fato de que nunca me pus a imaginar como as colegas de grupo vêm a mim e ao meu trabalho. Fico feliz por ser considerada em alta conta.

CD-ROM: APRESENTAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA.
A construção do conhecimento realizada por meio da pesquisa acadêmica
e da criação artística.

A apresentação a seguir é parte constitutiva desta dissertação de mestrado, visando fornecer ao leitor o pensamento da pesquisadora por inteiro. De acordo com Lucimar Bello Frange na banca de defesa, tal produção artística explicita um trabalho de investigação acadêmica paralelo a uma pesquisa de criação em Arte, possibilitando também à pesquisadora a criação de si e do mundo. Nas suas palavras, esta apresentação, produzida em PowerPoint, revela

*... uma professora de Arte, criando Arte,
junto com seu trabalho de pensar Arte.*

Lucimar Bello

